

UNIVERSIDADE CATÓLICA DE PERNAMBUCO
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA
MESTRADO PROFISSIONAL

PEDRO FERNANDO VIANA PEIXOTO

**A FESTA DE SANTA QUITÉRIA DE FREXEIRAS: memórias das festas e
romarias no santuário de Frexeiras – Garanhuns - PE (1880-1931)**

RECIFE – PE

2024

PEDRO FERNANDO VIANA PEIXOTO

**A FESTA DE SANTA QUITÉRIA DE FREXEIRAS: memórias das festas e
romarias no santuário de Frexeiras – Garanhuns - PE (1880-1931)**

Relatório técnico para apresentação do Trabalho de Conclusão do Mestrado Profissional em História, da Universidade Católica de Pernambuco, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em História.

Orientadora: Profa. Dra. Lídia Rafaela Nascimento dos Santos.

P379f Peixoto, Pedro Fernando Viana.
A festa de Santa Quitéria de Frexeiras : memórias
das festas e romarias no santuário de Frexeiras –
Garanhuns - PE (1880-1931) / Pedro Fernando Viana
Peixoto, 2024.
76 f. : il.

Orientadora: Lídia Rafaela Nascimento dos Santos.
Relatório técnico (Mestrado) - Universidade Católica
de Pernambuco. Programa de Pós-graduação em História.
Mestrado Profissional em História, 2024.

1. Pernambuco - História. 2. Religião. 3. Romaria.
4. Festas religiosas. I. Título.

CDU 981.34

Luciana Vidal - CRB4/1338

PEDRO FERNANDO VIANA PEIXOTO

A FESTA DE SANTA QUITÉRIA DE FREXEIRAS: memórias das festas e romarias no santuário de Frexeiras – Garanhuns - PE (1880-1931)

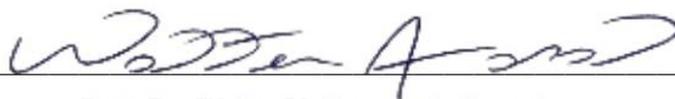
Trabalho de Conclusão do Mestrado apresentado ao Programa de Pós-Graduação em História – Mestrado Profissional da Universidade Católica de Pernambuco, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em História.

Aprovado em: 20/03/2024

BANCA EXAMINADORA



Profa. Dra. Lídia Rafaela Nascimento dos Santos
(Orientadora e Presidente da Banca - Universidade Católica de Pernambuco - UNICAP)



Prof. Dr. Walter Valdevino do Amaral
(Membro interno – Universidade Católica de Pernambuco - UNICAP)



Prof. Dr. André Mendes Salles
(Membro externo – Universidade Federal de Pernambuco - UFPE)

Ter fé é acreditar naquilo que você não vê; a recompensa por essa fé é ver aquilo em que você acredita.

Santo Agostinho

AGRADECIMENTOS

“A gratidão é o único tesouro dos humildes”.

William Shakespeare.

Primeiramente a Deus, que sempre foi o meu refúgio e fortaleza, de onde encontrei as forças necessárias para suportar e contornar as dificuldades que se avizinharam ao longo dessa jornada.

In memoriam, aos meus avós Manoel Francisco Viana e Maria Nazaré Viana, que também foram meus cuidadores e pais desde os dezesseis dias de nascido, como costumavam ressaltar, a quem devo toda a minha formação moral e intelectual, os quais serviram ainda como a fonte de inspiração para a escolha do tema desta pesquisa.

À minha sempre leal e prestimosa esposa, Maria Lúcia, pela parceria e pelas tão necessárias palavras de confiança e estímulo. Sua presença sempre atenta e encorajadora, foi fundamental para o meu crescimento intelectual e para que eu pudesse rotineiramente recuperar e manter o foco e a esperança.

Aos meus filhos Luís Pedro, Tiago Fernando e Manoela, além dos meus pais biológicos, Maria Nazaré e Severino Lúcio, que me apoiaram de forma incondicional e afetuosa desde o início do processo de seleção para o programa de mestrado. Sem o apoio e compreensão de vocês, que tiveram que suportar a minha ausência necessária durante este processo, não teria alcançado esta conquista, portanto, ela é nossa.

À Universidade Católica de Pernambuco - UNICAP, por me permitir a oportunidade de conquistar conhecimentos acadêmicos que se estendem para minha vida pessoal, social e profissional.

À minha orientadora, a professora Dra. Lídia Rafaela Nascimento dos Santos, primeiro pela paciência nos meus momentos de instabilidade e ausência, mas acima de tudo, pelos valiosos ensinamentos, orientações, incentivos, dedicação e inestimável contribuição para a realização da pesquisa, sempre apresentando um olhar crítico, sensível e perspicaz sobre a construção histórica.

Aos Drs. André Mendes Salles e Walter Valdevino do Amaral, pelas valiosas e imprescindíveis sugestões, contribuições e críticas que tornaram possível a melhoria e o enriquecimento do conteúdo deste trabalho de pesquisa.

A todos os professores e professoras que fizeram parte da V turma do Programa de Mestrado em História da UNICAP, mestres dedicados e generosos que compartilharam suas experiências e conhecimentos, e com os quais aprendi muito mais sobre pesquisa e sobre aprendizagem, do que sobre ensino.

Ao Dr. Hélder Remígio de Amorim, Coordenador do Programa de Pós-Graduação em História da UNICAP - Mestrado Profissional, pela compreensão e apoio para o acolhimento de pleitos deste mestrando, em razão de circunstanciais episódios por mim vividos, em especial durante o ano de 2022.

Enfim, a todos os amigos e amigas que formam a V turma de mestrandos do Programa de Pós-Graduação em História da UNICAP, que sempre seguimos juntos, sem deixar ninguém para trás, nos apoiando e estimulando diariamente, em especial através do grupo do WhatsApp, onde a cada dificuldade individual não faltavam os incentivos e a cada conquista explodiam as comemorações, somos todos vencedores.

RESUMO

O presente trabalho demonstra a pesquisa desenvolvida para o resgate das memórias possíveis de evocar as conjunturas e dinâmicas que compunham a Festa da Santa Quitéria de Frexeiras, Garanhuns-PE, no recorte temporal 1880-1931. No processo historiográfico foi analisada a interligação entre a religiosidade, a cultura, as artes e as práticas lúdicas e profanas no contexto das celebrações festivas, além das dinâmicas e místicas vivenciadas pelos romeiros através dos rituais e símbolos demonstrativos da fé. Foi examinada ainda, a disputa ocorrida entre a família proprietária da imagem da santa e a diocese local pelo controle da Festa da Santa Quitéria de Frexeiras, no contexto do processo de romanização da Igreja Católica. Foram empregados os métodos de pesquisa histórico e comparativo, com os procedimentos de documentação indireta por meio de pesquisa bibliográfica, documental escrita e iconográfica, coletadas especialmente no ambiente virtual. Os conceitos teóricos abordados foram discutidos essencialmente a partir dos estudos de Michel de Certeau, Jacques Le Goff, Émile Durkheim, Anthony Giddens, Eric Hobsbawm e Pierre Nora. Como produto final, foi produzido um livro de divulgação científica, disponibilizado no formato e-book, dirigido ao público em geral e produzido com linguagem acessível, cujo conteúdo combina textos e imagens, visando promover uma leitura fluida.

Palavras-chave: Memória. Religião. Festa. Romaria.

ABSTRACT

The present work demonstrates the analysis developed to rescue memories that could evoke the circumstances and dynamics that made up the Festa da Santa Quitéria de Frexeiras, Garanhuns-PE, in the time frame 1880-1931. In the historiographic process, the interconnection between religiosity, culture, arts and the recreational and profane practices in the context of festive celebrations was analyzed, in addition to the dynamics and mystiques experienced by pilgrims through rituals and symbols demonstrating faith. It also examines the dispute between the family that owned the image of the saint and the local diocese, for control of the Festa da Santa Quitéria de Frexeiras in the context of the romanization process of the Catholic Church. Historical and comparative research methods were used, with indirect documentation procedures through bibliographical research, written documentary and iconographic research, collected especially in the virtual environment. The theoretical concepts covered were discussed essentially based on studies of Michel de Certeau, Jacques Le Goff, Émile Durkheim, Anthony Giddens, Eric Hobsbawm and Pierre Nora. As a final product, a scientific popularization book was produced, available as an e-book, aimed at a general public and produced with accessible language, whose contents combines texts and images to promote fluid reading.

Keywords: Memory. Religion. Party. Pilgrimage.

LISTA DE INSTITUIÇÕES E SIGLAS

- Biblioteca da Universidade de Pernambuco - Campus Garanhuns.
- Biblioteca Pública Municipal de Garanhuns (Parque Euclides Dourado).
- Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – **CAPES**.
- Cúria Diocesana de Garanhuns.
- Fundação Joaquim Nabuco - **FUNDAJ**.
- Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional Digital do Brasil - Fundação Biblioteca Nacional.
- Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística - **IBGE**.
- Instituto Médico Cirúrgico de Garanhuns - **IMCG**.
- Mestrado profissional (**MP**).
- Museu de Cultura Popular e Ex-votos Maria das Graças – Frexeiras – São João-PE.
- Museu do Homem do Nordeste, vinculado a Fundação Joaquim Nabuco - **MUHNE**.
- Programa de pós-graduação em história – mestrado profissional – **PPGH**.
- Universidade Católica de Pernambuco – **UNICAP**.
- Universidade de Pernambuco - Campus Garanhuns - **UPE** Garanhuns.

LISTA DE GRÁFICOS E PLANILHAS

- 01 - Planilha com as datas em que foram realizadas as festas de Santa Quitéria de Freixeiras e respectivos cálculos de incidência (1880 – 1931) p. 45
- 02 – Gráfico expositivo da taxa de incidência das datas em que as festas de Santa Quitéria de Freixeiras foram realizadas (1880 – 1931) p. 45

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	12
2. DISCUSSÃO TEÓRICO-METODOLÓGICA	16
2.1 - Historiografia	16
2.2 - Fontes	22
2.2.1 - Periódicos	25
2.2.2 - Imagens	27
2.3 - A Festa de Santa Quitéria e o uso da memória	30
2.4 - Tradição e a Festa de Santa Quitéria de Frexeiras	32
2.5 - Origem dos santos e da Santa Quitéria	36
2.6 - O espaço e as transformações efêmeras na Festa de Santa Quitéria.....	42
2.7 - A Festa de Santa Quitéria de Frexeiras e o calendário	44
2.8 - Práticas sagradas e profanas na Festa de Santa Quitéria de Frexeiras	47
2.9 - Os ex-votos e a Festa de Santa Quitéria de Frexeiras	50
3. DISCUSSÃO SOBRE O PRODUTO	54
4. APRESENTAÇÃO DO PRODUTO	57
5. APLICAÇÃO DO PRODUTO	61
6. CONSIDERAÇÕES FINAIS	62
7. LISTAGEM DOS ACERVOS E FONTES	63
8. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	71

1. INTRODUÇÃO

Este trabalho apresenta uma abordagem sobre as festas religiosas ocorridas no santuário de Santa Quitéria, localizado em Frexeiras, então vilarejo de Garanhuns-PE, 1880 a 1931, utilizando-se do processo sistematizado de pesquisa histórica, por meio de uma análise teórica, metodológica, historiográfica e documental que visa criar uma versão da história que retrate as memórias do local e das festividades nele realizadas, promovendo a análise das suas manifestações religiosas, artísticas e culturais.

O marco histórico definidor do início do recorte temporal pesquisado é o processo de romanização¹ da Igreja Católica no Brasil, fato determinante para a mudança da organização estrutural da Igreja, tendo em vista que ela adquiriu autonomia, se desvinculou administrativamente do controle do Estado brasileiro, em um movimento que ganhou intensidade nos anos finais do governo imperial e atingiu o ápice após a Proclamação da República. Já o marco que determinou o fim do recorte temporal foi a decisão da diocese de Garanhuns pela proibição dos sacerdotes de celebrar missas no santuário, em especial durante as festividades anuais.

Para nortear a reflexão, discussão e consequente compreensão teórica dos conceitos sobre memória, tradição, prática dos espaços, sagrado e profano, permitindo assim, alcançar a construção do presente trabalho, nos valem essencialmente dos ensinamentos dos teóricos de

¹ A romanização do catolicismo pode ser compreendida como um processo que foi desencadeado por meio das reformas promovidas pela Igreja Católica, com o intuito de reorganizar as suas estruturas e o seu corpo eclesial, tornando-a homogênea e centralizada. “A instituição seria rigidamente hierarquizada e verticalmente integrada desde suas bases até a Santa Sé.” (Marin, 2001, p. 152). Dentro desse processo, buscava “retomar as determinações tridentinas, sacralizar os locais de culto, moralizar o clero, reforçar a estrutura hierárquica da Igreja e diminuir o poder dos leigos organizados nas irmandades”. (Gomes, apud Abreu, 1999, p. 350). As determinações tridentinas foram normas advindas do Concílio de Trento, cuja destinação essencial foi promover a reestruturação da Igreja Católica a partir de meados do século XVI. Ainda conforme o historiador Newton Cabral (2009, p. 161 apud Amaral; Marques, 2013, p. 298 - 299), o catolicismo romanizado: “tratava-se de considerar como modelo eclesial válido um que tivesse como traços essenciais a espiritualidade centrada na prática dos sacramentos, o senso de hierarquia eclesial e a preocupação com a doutrinação”. No Brasil, o processo de romanização teve início a partir da segunda metade do século XIX, tendo se consolidado com o predomínio das políticas e das práticas pastorais romanizadoras durante a primeira metade do século XX. O fato é que durante o Império os bispos tiveram dificuldades em avançar com o catolicismo romanizado, pois a igreja vivia sob o regime de padroado, porém, com o advento da República, a separação entre a Igreja e o Estado propiciou a liberdade de ação necessária para a implementação de várias medidas político-institucionais previstas pelo movimento reformador que viabilizaram conquistar os objetivos pastorais e políticos em relação a sociedade civil e ao Estado, alcançando um nível considerável de homogeneidade de ação pastoral e disciplina hierárquica de abrangência nacional (Marin, 2013, p. 35 – 36).

Michel de Certeau, Jacques Le Goff, Émile Durkheim, Anthony Giddens, Eric Hobsbawm e Pierre Nora.

Imperioso destacar que o processo de pesquisa sofreu limitações por restrições de acesso aos locais possíveis para a pesquisa de documentos, tendo em vista que durante a maior parte do tempo em que o Programa do Mestrado em História transcorreu, se deu de forma remota em razão do evento da pandemia da COVID-19, e os locais comumente disponíveis para pesquisa permaneceram fechados por meses.

Somando-se a esse fato, apesar de haver estabelecido contato com alguns familiares proprietários do santuário, constatou-se que por se tratar de uma localidade rural, distante dos grandes centros urbanos, mantida por particulares, a organização administrativa do local não conservou documentos que pudessem melhor contribuir e enriquecer este trabalho de pesquisa.

Por outro lado, tais fatos não foram impeditivos para a não realização da pesquisa, pois as vedações de acesso aos locais e elementos físicos de pesquisa, ou mesmo a inexistência de outros, de fato impuseram dificuldades, porém, contribuíram na indicação de novos caminhos pela descoberta dos rumos históricos que tiveram nossa sociedade. Nesse contexto surge uma maior exploração dos acervos disponibilizados através da rede mundial de computadores.

Assim, constata-se que os meios de pesquisa são amplos, não podendo impossibilitar a missão investigativa do historiador, dessa forma, me apropriei dos elementos restantes possíveis, assim, o trabalho de pesquisa teve como lastro principal os arquivos de jornais obtidos em consultas a Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional Digital; documentos de jornais que estão mantidos em arquivo da Cúria Diocesana de Garanhuns; além de consultas aos acervos da Biblioteca Pública Municipal de Garanhuns, localizada no Parque Euclides Dourado, e da UPE - Campus Garanhuns, onde obtive importantes obras que retratam a história de Garanhuns; também documentos iconográficos sobre o santuário de Santa Quitéria de Frexeiras, tanto as fotografias do arquivo pessoal, obtidas por meio das visitas ao MUHNE – Museu do Homem do Nordeste – Recife-PE, e ao Museu de Cultura Popular e Ex-votos Maria das Graças; quanto àquelas obtidas por meio de pesquisas à rede mundial de computadores, tendo em vista que o acesso ao casarão/capela do santuário também esteve sob restrições, já que permaneceu fechado durante todo o período da pandemia do COVID-19 e posteriormente ainda continuou fechado em razão de problemas na estrutura física do mesmo, cujo telhado ameaçava ruir parcialmente; até então, foram realizados aparentes reparos, que ainda aguardam um laudo técnico da Defesa Civil do município de São João para possível liberação do local para visitação pública. Por fim, a pesquisa foi enriquecida pelas diversas obras de pesquisadores, filósofos, sociólogos, e historiadores que serão adiante apresentadas.

Assim, através das publicações dos diversos jornais e periódicos pesquisados, buscamos compreender os contextos nos quais aconteciam as comemorações festivas, suas nuances, práticas sagradas e profanas e os impactos sobre os espaços e as vidas das pessoas da comunidade, realizando um filtro crítico que possibilitasse a contextualização do que foi retratado pela imprensa e os documentos encontrados, com os escritos historiográficos das respectivas épocas.

Quanto as transcrições dos trechos dos jornais pesquisados, visando tornar a leitura mais clara e fluida, realizamos a adequação e atualização da escrita das palavras, deixando-as em conformidade com a atual normatização gramatical, porém, mantendo a originalidade dos respectivos conteúdos.

De forma idêntica foram tratados os demais documentos pesquisados, e foram explorados com especial atenção os elementos visuais consistentes em fotografias, imagens, objetos e obras de arte que integram o rico acervo de ex-votos depositados ao longo do tempo pelos romeiros, pois estes preservam e são capazes de revelar muito sobre a história da festa e do santuário de Santa Quitéria de Frexeiras.

Dessa forma, ousamos afirmar que o trabalho se desenvolveu tendo como objetivo nuclear compreender a dinâmica e evolução das festividades, romarias e devoção dedicadas a Santa Quitéria de Frexeiras, suas nuances, importância religiosa, social e econômica para os moradores da comunidade, mas também, demonstrar o caráter místico que circunda a devoção e as origens da Santa Quitéria e do santuário de Frexeiras.

No desenvolvimento do livro, produto desta pesquisa, é utilizada a referência ao título patronímico da família proprietária do santuário de Santa Quitéria de Frexeiras, ora como Família Correia da Rocha, ora como Família Guilherme da Rocha. No tocante a essa dupla apresentação utilizada, cumpre informar que originalmente as referências à família se davam sob o título: Família Correia da Rocha, porém, devido a uma variação ocorrida ao longo das sucessões, passou a ser adotado o título atualmente conhecido: Família Guilherme da Rocha.

O processo de pesquisa resultou no produto consistente em três capítulos, onde no primeiro coube demonstrar os aspectos históricos gerais da região na qual estava inserido o vilarejo de Frexeiras, dispensando atenção à relação territorial dele com os municípios de São João e de Garanhuns, haja vista que até chegar aos dias atuais o vilarejo integrou o território de ambos os municípios, porém, o foco principal se deu na relação com Garanhuns, que foi com quem o vilarejo esteve ligado territorial e administrativamente durante o recorte temporal pesquisado, e acerca dos quais se buscou demonstrar a relação econômica existente entre eles, em especial, em razão das romarias e da festa anual dedicada a Santa Quitéria.

O segundo capítulo reserva atenção às origens da Santa Quitéria, explorando a mística que envolve a sua consagração em terras lusitanas, o contexto da chegada da imagem ao vilarejo de Frexeiras e do surgimento da capela e da festa em homenagem a referida santa naquela localidade, além de apresentar informações sobre os locais mais importantes, em várias partes do Brasil e do mundo, onde são realizadas festas em homenagem a Santa Quitéria.

Já o terceiro capítulo adentra na dinâmica da Festa da Santa Quitéria de Frexeiras, abordando as transformações dos espaços para o acolhimento das romarias e para as celebrações religiosas e profanas; explora as prováveis razões que determinaram a definição do período e da data que tradicionalmente a festa é realizada; discorre sobre a aparente conciliação dos eventos festivos sagrados e profanos e da reunião do culto oficial com as práticas populares ou leigas; põe em discussão as práticas e elementos tradicionais das festividades; aborda ainda, no contexto do processo de consolidação do catolicismo romanizado, a disputa pelo santuário e pela Festa de Santa Quitéria que surgiu entre a diocese de Garanhuns e a família proprietária da capela; por fim, é feita uma abordagem sobre os ex-votos, elementos tradicionais do catolicismo popular, suas características e simbologias.

Feitas essas considerações, daremos prosseguimento com as abordagens teóricas e metodológicas destes estudos.

2. DISCUSSÃO TEÓRICO-METODOLÓGICA

Participar da construção da história é, sob a melhor ótica, contribuir para a construção do mundo. A história, essa ciência complexa, enigmática e inesgotável, mas ao mesmo tempo cognoscível, permite ao homem trazer à tona aquilo que outrora contribuiu para construir sua trajetória, seu tempo presente, sua existência, pois não existe um presente por si somente, ele surge da construção ascendente, em cadeia, dos eventos que se sucederam no tempo. Nesse processo de construção podemos afirmar a íntima ligação existente entre a história, a memória, a tradição e os costumes, esses os elementos fundantes das culturas dos povos, que incutem no homem a sensação de pertencimento ao meio e de se reconhecer como protagonista da história.

Convém ressaltar, logo de início, que ao historiador incumbe a missão de promover os esforços possíveis, utilizando os métodos e meios disponíveis de pesquisas, com o intuito de detectar a relevância desempenhada pelo homem, através do registro das ações que influenciaram os acontecimentos no curso da história. Afirma o historiador Marc Bloch (2001, p. 54): “Por trás dos grandes vestígios sensíveis da paisagem, [os artefatos ou as máquinas,] por trás dos escritos aparentemente mais insípidos e as instituições aparentemente mais desligadas daqueles que as criaram, são os homens que a história quer capturar”.

Destacar as ações humanas que influenciaram a história foi um dos objetivos perseguidos, pois mesmo que imagens sejam capturadas, instrumentos sejam apresentados, a história contada não terá a mesma relevância se o historiador não for capaz de resgatar, apresentar e destacar as pessoas que foram responsáveis pelas ocorrências dos eventos históricos, àquelas consideradas mais relevantes e as aparentemente invisíveis, mas que, sem a participação delas a história não teria acontecido como aconteceu e não seria reconhecida como de fato é, no tempo presente.

2.1 – Historiografia

Para pensar a Festa de Santa Quitéria no contexto histórico vivido pela sociedade garanhuense durante o recorte temporal pesquisado, foi necessário recorrer às obras que retratavam as festividades, as demais formas de diversão e entretenimento, a cultura religiosa, os hábitos, os costumes e as tradições das comunidades, mas também, as formações das cidades e vilarejos, a economia local, os serviços de saúde e educação, as formas e os meios de acolhimento dos visitantes, bem como, algumas personalidades que com as suas atividades e comportamentos influenciaram o processo da construção e a definição dos rumos da Festa de

Santa Quitéria, enfim, que retratassem os vastos aspectos que contribuíram para que as festividades e as romarias dedicadas a Santa Quitéria de Frexeiras tivessem a transição no curso histórico da forma como está delineada e narrada no livro que é o produto resultante desta pesquisa.

Nessa caminhada recorri ao auxílio de alguns reconhecidos e elogiados escritores locais e suas brilhantes obras, os quais foram peças indispensáveis para a contextualização dos documentos pesquisados sobre a história da cidade de Garanhuns e da Festa de Santa Quitéria de Frexeiras. Mas também me socorri durante essa prazerosa construção, de diversos trabalhos de historiadores das mais diversas regiões do país, que desenvolveram pesquisas sobre semelhante conteúdo daquele período histórico. Dentre eles, ressalto o historiador local Alfredo Leite Cavalcanti, por haver desenvolvido um trabalho robusto sobre o passado de Garanhuns e da região circunvizinha, em sua obra “História de Garanhuns”, onde retratou inúmeras ocorrências históricas relativas ao tema no recorte temporal correspondente à pesquisa, as quais subsidiaram a contextualização de importantes pontos que foram abordados e trazidos à discussão pelos documentos encontrados no processo de pesquisa.

Também subsidiaram o processo de conhecimento da história local, as obras produzidas pelos historiadores Alberto da Silva Rêgo, Manoel Neto Teixeira, José Eudes Alves Belo, Urbano de Melo Filho Vitalino e Marcílio Lins Reinaux.

De início cabe fazer uma breve observação, com aparente tom de crítica, sobre a obra a “História de Garanhuns”, de Alfredo Leite Cavalcanti, no que concerne a ausência de informações que poderiam ou mereciam ter sido lembradas pelo referido historiador, por entender serem relevantes para a história de Garanhuns, tendo em vista a amplitude de temas por ele pesquisados e trazidos a visualidade em suas narrativas. Entre essas ausências, verifica-se que nada foi escrito sobre as romarias e a Festa de Santa Quitéria de Frexeiras, a qual notadamente foi relevante para a comunidade garanhuense, tanto sob o aspecto do entretenimento, quanto da religiosidade e da economia local, conforme demonstram os documentos explorados durante a presente pesquisa. Mas não somente isso, nenhuma anotação é encontrada sobre algumas importantes personalidades e instituições locais da época, a exemplo do médico Tavares Correia e do Instituto Médico Cirúrgico de Garanhuns, instituição de relevante importância na região com relação as iniciativas de pesquisa médica e cuidados com a saúde da comunidade garanhuense, que no período histórico pesquisado aparentemente contribuíram de forma significativa para o tratamento dos males da saúde dos moradores de Garanhuns e das diversas localidades do estado de Pernambuco e, inclusive, de toda a então região Norte.

Mas vencidas essas observações, o fato é que o livro “História de Garanhuns”, aborda e promove visibilidade para uma farta gama de informações sobre a história de Garanhuns, sua economia, sociedade, política, saúde, educação, entretenimento, etc, inclusive, detalhando comportamentos, características e práticas tradicionais vividas durante as diversas festas religiosas que ocorriam no município de Garanhuns. Assim, fazendo uma conexão dos relatos de Alfredo Leite Cavalcanti, com as narrativas de outros historiadores locais, mas também de outras regiões do país, contextualizando-os com os documentos encontrados, foi possível desenvolver a narrativa que melhor retrata as romarias e as Festas de Santa Quitéria de Frexeiras ocorridas entre os anos de 1880-1931.

No primeiro capítulo a historiografia de Alfredo Leite Cavalcanti primeiramente revelou aspectos que contribuíram com a apresentação das transformações ocorridas na geografia do território de Garanhuns, até a sua subdivisão e cessão do espaço territorial que proporcionou o surgimento do município de São João, como também, com a evolução e consequente mudança do nome de vila de Santo Antônio de Garanhuns para o atualmente denominado município de Garanhuns. Na continuação do capítulo os escritos de Alfredo Leite Cavalcanti contribuíram com importantes informações sobre os aspectos da economia de Garanhuns, como as diferentes culturas e lavouras produzidas na região, o surgimento da atividade industrial, do turismo, dos hotéis e da mais importante obra desenvolvimentista da região ocorrida durante o período pesquisado, que foi a construção da linha férrea que ligava Garanhuns a Recife, assim, endossando as informações encontradas nos documentos de jornais e contribuindo para contextualizar a inserção da economia do vilarejo de Frexeiras, essencialmente às práticas de negócios e o cultivo de lavouras dos seus residentes, no universo da economia garanhunense. Ao final do capítulo ainda contribuiu com elementos que ajudaram a compreender o contexto educacional no qual estava inserida a cidade de Garanhuns, com o surgimento de importantes escolas privadas ligadas as denominações religiosas, mas também escolas públicas.

Ainda no primeiro capítulo, busquei as contribuições de outros historiadores que narram a história de Garanhuns, os quais cito: Alberto da Silva Rêgo, com a obra “Os aldeões de Garanhuns, sua gente, seus jovens, suas associações, o mundo literário, os ‘players’, os poetas, e árvores genealógicas”; Urbano de Melo Filho Vitalino e Marcílio Lins Reinaux, com a obra “Colégio XV – 100 anos: servindo a Deus, à pátria e a Garanhuns”; José Eudes Alves Belo, com a pesquisa “Nas colinas onde o Nordeste garoa: narrativas, memórias e práticas de espaço na cidade de Garanhuns – PE (1937-1951); e, Manoel Neto Teixeira, com as narrativas intitulada “O Diocesano de Garanhuns: cem anos de ciência e fé”. Estes com contribuições que

auxiliaram a contextualização dos aspectos voltados ao desenvolvimento das escolas confessionais e aos empreendimentos voltados aos serviços de saúde que se estabeleceram na cidade de Garanhuns durante o período pesquisado.

O segundo capítulo, por estar voltado a narrar às origens da festa dedicada a Santa Quitéria de Frexeiras, do Santuário de Frexeiras e da própria santa, a mescla historiográfica utilizada para contextualizar as narrativas apresentou uma maior amplitude, contando com o apoio de obras de historiadores, mas também de filósofos, sociólogos e antropólogos, cujas produções narram acontecimentos locais, mas também de outras regiões, inclusive de fora do país, tendo em vista acolhermos a versão que indica a origem da Santa Quitéria em terras portuguesas.

No exercício da contextualização dos documentos que indicam o surgimento do santuário de Santa Quitéria de Frexeiras, e conseqüentemente das romarias e da festa dedicada à santa, foi essencial a pesquisa conjunta desenvolvida pela socióloga Cecília Loreto Mariz e pela antropóloga Marjo de Theije, publicada no artigo intitulado: “A santa do povo: o catolicismo dos leigos no santuário de Santa Quitéria”. Apesar do estudo apresentar uma abordagem sociológica sobre o tema, as pesquisadoras tiveram a preocupação de apresentar também diversas versões históricas sobre a origem do santuário, das romarias e da Festa de Santa Quitéria de Frexeiras, tanto àquelas disseminadas sob a forma de lendas que compõem o imaginário popular, quanto àquelas que guardavam conexão com os fatos históricos comprováveis.

Já na atividade de compreensão da origem dos santos católicos e suas imagens, encontramos a principal guarida na obra do historiador Hans Belting, nominada “Semelhança e presença: a história da imagem antes da era da arte”; também nas contribuições do artigo “O Concílio de Trento e a reforma católica. Encontros teológicos”, produzido pelo sacerdote, filósofo e historiador José Artulino Besen; além da pesquisa da historiadora Julita Scarano, apresentada sob o título “Fé e milagre: ex-votos pintados em madeira: séculos XVIII e XIX”.

Narrar a origem da Santa Quitéria não foi das tarefas mais simples, tendo em vista a escassez de livros e artigos que discorram com maior extensão e profundidade sobre a origem, a vida e a sua elevação a condição de santa católica. Inclusive no campo da teologia não se trata de uma santa que tenha obras escritas que discorram com maior profundidade sobre a história da sua vida e santidade. Durante o processo de pesquisa historiográfica, a obra que melhor satisfaz e proporcionou maior robustez de informações históricas sobre a vida da Santa Quitéria, foi a pesquisa desenvolvida pelo Doutor em História da Arte, Luís Alberto Casimiro, publicada no artigo intitulado “Quitéria, uma santa da Lusitânia nas terras de Entre-Douro-e-Minho”. Tal

artigo embasou os fundamentos dos fatos históricos essencialmente nas obras “Agiológico Lusitano”, de Jorge Cardoso, publicada em 2002 (edição fac-similada do original de 1666), e “*Vida, e martyrio da insigne virgem, e martyr prodigiosa Santa Quitéria, sereníssima Infante de Portugal, no Monte de Pompeyro*”, produzida por Frei Bento da Ascensão, cuja publicação ocorreu no ano de 1722, sendo esta última considerada por Luís Alberto Casimiro como uma das mais importantes fontes sobre a vida de Santa Quitéria. Por fim, complementarmente, também trouxe relevantes informações, a pesquisa produzida pela historiadora Jussara Duarte Soares Dias, nominada “O patrimônio na corda bamba de sombrinha: o caso da capela e da festa de Santa Quitéria no distrito de Rodrigo Silva (Ouro Preto – MG)”.

O terceiro capítulo tem as narrativas concentradas na dinâmica da Festa da Santa Quitéria de Frexeiras, suas características, nuances, aspectos de maior relevância, celebrações sagradas e profanas, as transformações promovidas pelo catolicismo romanizado, a disputa entre a Igreja Católica e a família proprietária da capelinha e da imagem da Santa Quitéria, além dos ex-votos representativos dos milagres atribuídos a santa mártir.

No processo de contextualizar a dinâmica da Festa de Santa Quitéria de Frexeiras, se fez necessário compreender inicialmente o processo de romanização do catolicismo. Assim encontramos na obra da historiadora Martha Abreu, “O Império do divino. Festas religiosas e cultura popular no Rio de Janeiro, 1830-1900”, um conceito chave que define a romanização do catolicismo como o processo de “retomar as determinações tridentinas, sacralizar os locais de culto, moralizar o clero, reforçar a estrutura hierárquica da Igreja e diminuir o poder dos leigos organizados nas irmandades” (Gomes, apud Abreu, 1999, p. 350). Nesse processo recorreremos ainda às pesquisas de outros importantes historiadores, como José Artulino Besen, em “O Concílio de Trento e a reforma católica”; Riolando Azzi, com o título “A instituição eclesiástica durante a primeira época colonial”; também nos trouxe contribuição, José Oscar Beozzo, com “Irmandades, santuários, capelinhas de beira de estrada”; e ainda, Jérri Roberto Marin, com os títulos “História e historiografia da romanização: reflexões provisórias”, e “Questões de religiões: teorias e metodologias”.

Para contextualizar os documentos pesquisados visando estabelecer as narrativas que descrevem as dinâmicas e o desenvolvimento da Festa de Santa Quitéria de Frexeiras, com as abordagens sobre a forma de ocupação dos espaços públicos e as transformações efêmeras e permanentes voltadas à prática do lazer, da diversão e das manifestações religiosas; também sobre as práticas culturais, de lazer e de diversão no contexto das celebrações profanas; e ainda sobre as práticas de cunho religioso e cultural no contexto das celebrações sagradas, buscamos

mais uma vez o suporte nas narrativas sobre as festas de Garanhuns, descritas pelo historiador Alfredo Leite Cavalcanti, na obra “História de Garanhuns”.

Para contextualização das temáticas elencadas no parágrafo anterior, recorreremos ainda a outros historiadores que tiveram idêntica importância para o progresso dos estudos, pois desenvolveram relevantes pesquisas que narram outras festas religiosas ocorridas nas mais diversas localidades do país, durante o recorte temporal pesquisado ou em espaço temporal aproximado. Dentre eles citamos a historiadora Lídia Rafaela Nascimento dos Santos, através das pesquisas intituladas “Das festas aos botequins: organização e controle dos divertimentos no Recife (1822-1850)”, e, “Luminárias, músicas e ‘sentimentos patrióticos’: festas e política no Recife (1817-1848)”, nas quais são feitas análises sobre as festas públicas - cívicas e religiosas - que ocorriam no Recife durante o período oitocentista; também as historiadoras Mary Lucy M. Del Priore, com “Festas e Utopias no Brasil Colonial”; Martha Campos Abreu, em sua tese de doutorado intitulada “O Império do Divino: festas religiosas e cultura popular no Rio de Janeiro, 1830 – 1900”; Edilece Souza Couto, com a pesquisa nominada “Tempo de festas: homenagens a Santa Bárbara, N. S. da Conceição e Sant’Ana em Salvador (1860 – 1940)”; Julita Scarano, com livro “Fé e Milagre: Ex-votos Pintados em Madeira: Séculos XVIII e XIX”; Maria Agripina Neves, com o artigo “Aspectos Folclóricos nas Festas Religiosas em Mariana – MG”; e, Alberto da Silva Rêgo, com o livro “Os aldeões de Garanhuns, sua gente, seus jovens, suas associações, o mundo literário, os “players”, os poetas, e árvores genealógicas”.

O encerramento do capítulo narra de forma breve a origem dos ex-votos, o seu valor representativo na cultura religiosa dos romeiros e a sua importância na composição do ambiente místico do santuário de Santa Quitéria de Frexeiras. Nessa etapa do produto a construção narrativa contou com o suporte dos escritos dos historiadores Hans Belting, com a obra “Semelhança e presença: a história da imagem antes da era da arte”; Julita Scarano, com livro “Fé e Milagre: Ex-votos Pintados em Madeira: Séculos XVIII e XIX”; Luís Erlin Gomes Gordo, com os livros “Comunicação (i)material com as divindades: tipos e formas de *ex-votos* na religiosidade popular”, e, “Ex-votos: a saga da comunicação perseguida”; José Cláudio Alves de Oliveira, com a pesquisa intitulada “Ex-votos das Américas: comunicação e memória social”; além do historiador garanhuense Alberto da Silva Rêgo, com a obra “Os aldeões de Garanhuns, sua gente, seus jovens, suas associações, o mundo literário, os ‘players’, os poetas, e árvores genealógicas”.

2.2 – Fontes

Este trabalho teve o escopo de retratar aquilo que as mais diversificadas fontes encontradas foram capazes de revelar. Trazer ao conhecimento da geração presente, o máximo possível daquilo que outrora foi vivido no contexto das festividades em homenagem a Santa Quitéria de Frexeiras, tendo a consciência de que a história não se reproduz tal como aconteceu, mas apenas se constrói uma versão provável dela. De acordo com Walter Benjamin (1987, 224): “Articular historicamente o passado não significa conhecê-lo ‘como ele de fato foi’. Significa apropriar-se de uma reminiscência, tal como ela relampeja no momento de um perigo.”

Nesse processo de tecitura da versão histórica que melhor evidencie e retrate a Festa de Santa Quitéria de Frexeiras e os temas circundantes que de alguma forma contribuíram para a percepção das práticas festivas que nela ocorriam, houve uma incessante busca pelas fontes que proporcionassem o conhecimento e a compreensão da religiosidade praticada e vivida pelos devotos da virgem mártir em suas peregrinações e romarias, bem como, das práticas vivenciadas nos momentos lúdicos que ocorriam durante a referida festa, além dos aspectos de natureza econômica, de relações de poder, cultural, entre outros.

Visando alcançar o objetivo, cabe ao historiador investigar o máximo possível dos elementos, eventos e acontecimentos do objeto pesquisado, assim, todas as fontes identificadas precisam ser contextualizadas conforme o tempo e o momento em que se deram os seus registros históricos, sem desprezar da análise qualquer dos elementos de fonte encontrados, contenham eles aparentemente maior ou menor importância para a pesquisa, pois de acordo com Walter Benjamin (1987, p. 223): “O cronista que narra os acontecimentos, sem distinguir entre os grandes e os pequenos, leva em conta a verdade de que nada do que um dia aconteceu pode ser considerado perdido para a história.”

Nesse viés, as fontes históricas são para o historiador a matéria-prima do seu ofício, portanto, imprescindíveis e indissociáveis do seu mister, e nessa missão heurística anterior às narrativas de construção da versão provável dos fatos e acontecimentos do passado, devem ser perquiridas todas as fontes possíveis e necessárias para subsidiar os elementos verificáveis que deem sustentação ao conteúdo em produção.

Conforme José d’Assunção Barros, as fontes históricas são as marcas da história, os sinais, os vestígios, os resíduos e os registros das ações humanas deixadas no mundo social, sejam os tradicionais documentos textuais (registros cartorários, correspondências, jornais, processos criminais, fotografias, etc.), sejam os imateriais, sem nenhum suporte físico e concreto, como as festas populares e os ritos religiosos que se deslocam e se perpetuam

tradicionalmente na realidade das comunidades, ou ainda gestos e modos de sociabilidade, enfim, tudo que de alguma forma testemunha o passado humano (Barros, 2019, p. 14 – 17).

Já mergulhando nos conhecimentos do historiador francês Jacques Le Goff, este citando Fustel de Coulanges, afirma que no processo da análise histórica “todo o historiador que trate de historiografia ou do mister de historiador recordará que é indispensável o recurso do documento.” (Le Goff, 1990, p. 539). Num primeiro momento o documento era equivalente ao texto, portanto, para trabalhar a história era indispensável a existência de documentos escritos que registrassem e comprovassem os fatos ou os acontecimentos para que fosse possível o historiador exercer seu mister e criar a versão daquilo que se dispusesse a contar.

Mas sem documento escrito é possível fazer história? Bem, para oferecer uma solução a essa questão perturbadora de outrora, novamente vem Le Goff (1990, p. 539) e diz: “Se a concepção de documento não se modificava, o seu conteúdo enriquecia-se e ampliava-se.” E novamente citando um pronunciamento de Fustel de Coulanges, proferido em 1862 na Universidade de Estrasburgo, acrescenta:

Onde faltam os monumentos escritos, deve a história demandar às línguas mortas os seus segredos... Deve escutar as fábulas, os mitos, os sonhos da imaginação... Onde o homem passou, onde deixou qualquer marca da sua vida e da sua inteligência, aí está a história. (Le Goff, 1990, p. 539).

Ainda sobre os documentos, informa Jacques Le Goff, (1990, p. 535-537), que é aplicável à memória coletiva, em sua forma científica: a história, dois tipos de materiais: os documentos e os monumentos. Entretanto, o monumento consistirá em tudo que seja possível de evocar o passado, perpetuar a recordação, inclusive os atos escritos, porém, ele que a princípio foi compreendido apenas como a obra de arquitetura ou de escultura, ou mesmo monumento funerário com fins de perpetuar a recordação, no século XIX passou a ser um termo empregado corriqueiramente para indicar as grandes coleções de documentos.

Diante do apresentado, podemos aceitar que o próprio casarão colonial com a capela que acolhe a imagem de Santa Quitéria, compreende um documento não escrito sob a perspectiva do termo “documento-monumento”, de Jacques Le Goff. Portanto, é um elemento físico e visual, rico em informações, que pode ser estabelecido em um diálogo com outras fontes também documentais escritas ou não escritas, presentes no local ou fora dele, a exemplo da imagem da Santa Quitéria e do acervo de ex-votos.

Mas antes de avançar, será importante um aparte para narrar o início desse processo. Ocorre que sob o ponto de vista ingênuo de quem iniciou uma pesquisa pela primeira vez,

acreditando que as fontes estivessem expostas em todos os ambientes relacionados ao objeto pesquisado, surgiu a primeira decepção logo na primeira oportunidade de contato com o então administrador do santuário, Sr. José Edson, no início do ano de 2021, quando ainda sequer haviam sido iniciados os estudos das disciplinas curriculares do mestrado.

Naquele contato ele declarou que teria a maior boa vontade de colaborar com a pesquisa, mas infelizmente não existia nada guardado em forma de arquivo que remontasse ao recorte temporal da pesquisa, fosse documento, foto, folhetos, simplesmente nada. E de fato, se tratava de um local particular, no meio de uma comunidade rural, rodeado de simplicidade, eles não tinham essa obrigação de manter arquivos, nem mesmo tinham estrutura para isso.

Mas naquela mesma oportunidade, também fiz uma visita rápida, porém atenta, ao interior do casarão capela, o qual já havia visitado despreziosamente algumas outras vezes, então, observei que os ex-votos pareciam haver sido renovados com o passar do tempo, pois aparentemente não observei nada que aparentasse remontar a dois séculos, pois não observava datações nos ex-votos que apontasse para tal período. Quanto a imagem da Santa Quitéria, não estava dotado de conhecimento técnico que me permitisse atribuir um tempo a sua existência; restava somente o próprio casarão/capela que, apesar de haver passado por aparentes reparos ou reformas, guardava vestígios que remetem ao período colonial.

Essa pequena história que compõe a trajetória desta pesquisa, serve para mostrar que o tempo é um terrível exterminador de pessoas, de documentos, de imagens e de objetos. Se não houver o cuidado e a preocupação humana de guardá-los e conservá-los de forma adequada, o tempo por si somente não o fará, pois a missão dele (tempo) é renovar, é avançar rumo ao futuro. Por outro lado, a missão do historiador é explorar qualquer vestígio de memória que o tempo tenha deixado pelo caminho e transformar em história, permitindo que as gerações presentes e as futuras possam conhecer uma versão provável do que ocorreu no passado.

Assim, dando continuidade a trilha da presente pesquisa, o processo investigativo para conhecer a Festa de Santa Quitéria de Frexeiras nos instigava a continuar procurando por documentos que demonstrassem as dinâmicas dos acontecimentos festivos no vilarejo de Frexeiras durante o recorte temporal escolhido. Nesse sentido, se os acessos aos locais físicos haviam sido temporariamente impedidos, outras possibilidades surgiam e podiam ser exploradas, daí a concentração de um maior esforço para encontrar documentos por meio dos arquivos digitalizados nos acervos virtuais. Nesse contexto a Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional Digital do Brasil proporcionou localizar um considerável volume de fontes de documentos de jornais que subsidiaram a mais importante etapa da construção das narrativas apresentadas no livro, produto dessa pesquisa.

2.2.1 – Periódicos

Considerando que elegemos os documentos de jornais da imprensa pernambucana como a fonte documental primária para o resgate da memória coletiva e para a construção da versão provável da história da Festa de Santa Quitéria de Frexeiras, se faz necessário ressaltar, de pronto, que o jornal passou, com o tempo, a ser utilizado cada vez mais como fonte de pesquisa historiográfica, e de fato são documentos que guardam relevantes informações sobre os respectivos períodos em que foram publicados. Não obstante, salientamos que eles necessitam ser tratados com criticidade, pois no período pesquisado observava-se de maneira muito comum periódicos que expressavam deliberadamente opiniões políticas do grupo que estavam representando. Conforme afirma a professora Renée Barata Zicman, até 1945/50, a imprensa brasileira era a chamada “Imprensa de Opinião”, pois tinha característica claramente política e apaixonada, não se restringindo ao “espelho da realidade” e se tornando um instrumento ativo de opinião pública, onde cada jornal aparentava dirigir-se de forma prioritária a um tipo de público, tornando o jornalismo um aparente exercício literário (Zicman, 1985, p. 91).

Os principais periódicos utilizados na pesquisa foram “A Província”, o “Diário de Pernambuco”, o “Diário da Manhã”, o “Jornal Pequeno” e o “Jornal do Recife”, cujos artigos ou matérias jornalísticas foram obtidas através de exaustivas pesquisas por meio de consultas ao site da Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional Digital do Brasil. Além desses, outro de valorosa importância foi o jornal “O Monitor”, esse um periódico de circulação local que pertenceu a diocese de Garanhuns, cuja edição foi obtida por meio de pesquisa junto a Cúria Diocesana de Garanhuns.

De forma resumida apresentaremos algumas das mais importantes contribuições dos periódicos acima relacionados. Dentre as edições do jornal Diário de Pernambuco pesquisadas, a publicação do dia 02 de outubro de 1884, p. 2, consiste em uma das matérias mais importantes para a construção das narrativas da Festa de Santa Quitéria de Frexeiras, trazendo informações que contribuíram com a descrição do povoado de Frexeiras; com a reforma para melhoramentos da capelinha de Santa Quitéria ocorrida naquele ano; com o indicativo do tamanho e expressividade que a festa havia alcançado, constituindo-se em um evento tradicional na região; mas também sobre a dinâmica das festividades no que se refere ao comportamento das pessoas durante as visitas ao santuário; ao formato das barracas de comércio; ao comportamento dos comerciantes; aos meios de transporte utilizados por esses comerciantes e pelos romeiros no deslocamento para as festividades; e enfim, sobre os hábitos, os costumes, e as práticas profanas

que promoviam a diversão e o entretenimento dos visitantes durante as festividades do evento; nele também encontramos a primeira referência sobre os ex-votos depositados pelos romeiros como pagamento pelos milagres obtidos em promessas à virgem mártir.

As edições do Diário de Pernambuco (17 set. 1887, p. 2; 26 jan. 1988, p.3), bem como, do Jornal do Recife (02 out. 1887, p. 1), contribuíram com elementos importantes quanto as características e avanços econômicos de Garanhuns, em especial registrando a inauguração da linha férrea que interligava Recife a Garanhuns, a qual contribuiu para os avanços e transformações econômicas ocorridas na freguesia de Garanhuns e na região do seu entorno, com impactos sobre a agricultura, a pecuária e a indústria; incentivando o aumento do turismo, que conseqüentemente estimulou o surgimento de investimentos na construção de hotéis para suprir a carência de acomodações que acolhessem os turistas que buscavam o agradável e ameno clima da cidade, além dos romeiros que visitavam o santuário de Santa Quitéria de Frexeiras e participavam da tradicional festa em homenagem a santa milagrosa.

Algumas edições de jornais, como A Província (03 dez 1904, p. 4; 08 dez 1904, p. 1; 25 dez. 1904, p. 5; e, 27 dez. 1904, p.1); o Jornal do Recife (05 dez. 1905, p. 1); o Jornal Pequeno (04 mar. 1909, p. 2); e o Diário da Manhã (29 jan. 1930, p.1); deram contribuições através dos anúncios dos hotéis que convidavam os turistas para conhecer a cidade, informando dados que indicavam o crescimento do turismo em Garanhuns em razão da qualidade do clima da cidade, cuja atmosfera era amena, agradável e favorável ao tratamento de determinados tipos de doenças, inclusive, apontando os apelidos que à época eram atribuídos a Garanhuns, a exemplo de “Europa Brasileira”. Já outras publicações, tais como: A Província (28 ago. 1906, p. 1); e o Jornal do Recife (04 set. 1908, p. 2), divulgavam anúncios do Hotel Motta, de Garanhuns, os quais continham em seus conteúdos convites para os romeiros participarem das festividades em homenagem a Santa Quitéria de Frexeiras.

Algumas matérias publicadas no jornal Diário de Pernambuco (02 set. 1976, p. A-20; 18 set. 1977, p. B-01; e, 07 jul. 1978, p. B-1), forneceram elementos que contribuíram para a construção das narrativas sobre as origens do santuário e da Festa de Santa Quitéria de Frexeiras.

Dos jornais Diário de Pernambuco (06 set. 1884, p. 2; 17 set. 1885, p. 2); Jornal do Recife (28 set. 1900, p. 1; 03 set. 1908, p. 2; 10 set. 1921, p. 4); e, A Província (05 set. 1905, p. 1; 30 ago. 1906, p. 1.), extraímos dados que foram utilizados para indicar a dinâmica das datas e dos dias em que a Festa de Santa Quitéria de Frexeiras comumente acontecia durante o recorte temporal pesquisado. Com base nos dados obtidos nos referidos jornais, foi elaborado o

“gráfico 02”, o qual apresenta o percentual aproximado, por data, em que as festas foram realizadas, e integra de maneira informativa o conteúdo textual do produto.

As edições dos periódicos Diário de Pernambuco (11 fev. 1880, p. 2); Jornal do Recife (28 set. 1900, p. 1; e, 10 set. 1921, p. 04), forneceram elementos que colaboraram com as narrativas sobre as transformações efêmeras que promoviam a ambientação do vilarejo para as celebrações festivas religiosas; bem como, as narrativas sobre as dinâmicas das referidas manifestações sagradas que integravam as programações da Festa de Santa Quitéria de Frexeiras; em especial a pomposa procissão em homenagem a Jesus Cristo Redentor, que partiu da Igreja Matriz de Santo Antônio, padroeiro da freguesia de Garanhuns, com destino ao santuário de Frexeiras, onde, ao estilo das grandiosas celebrações típicas do catolicismo romanizado, culminou com uma grandiosa missa em frente a capelinha de Frexeiras, cujo registro informa que contou com a participação de cerca de cinco mil pessoas.

Já em periódicos como o Jornal Pequeno (20 ago. 1952, p. 3 e 5); o Diário de Pernambuco (26 out. 1919, p. 2; 27 out. 1919, p.1 e 3; e, 18 set. 1977, p. B-01); o Jornal do Recife (10 set. 1921, p. 04; 24 set. 1929, p. 2); e, O Monitor (18 set. 1931, p. 3), extraímos elementos que possibilitaram as narrativas sobre as disputas que se formaram entre os proprietários da capelinha de Frexeiras e a diocese de Garanhuns, pela imagem e pela Festa da Santa Quitéria, principalmente depois da elevação da paróquia de Garanhuns a condição de diocese, no contexto do avanço da romanização do catolicismo no Brasil. Tal disputa possivelmente transitava pelos interesses econômicos e financeiros advindos das supostas vantagens decorrente das doações dos romeiros ao santuário de Frexeiras, especialmente no pagamento das suas promessas, conforme denunciaram algumas matérias de tais jornais, os quais acusavam membros da família Guilherme da Rocha de uma provável exploração da fé dos devotos, com fins exclusivos de obter vantagens econômico-financeira. Também fazia parte do contexto da disputa, as denúncias de permissividade de práticas de conotação sexual, vícios e violência durante os eventos profanos que faziam parte da programação da Festa de Santa Quitéria. Vindo tal disputa culminar na decisão do Governo Diocesano de Garanhuns de proibir o clero de celebrar missas na capelinha, antes, durante ou depois do período da Festa de Santa Quitéria de Frexeiras.

2.2.2 – Imagens

O recurso do documento escrito é indispensável na atividade do historiador, entretanto, diante da ausência de suficientes fontes de documentos escritos, todas as demais fontes de

pesquisa podem ser utilizadas no processo historiográfico. E nesse contexto, outra fonte de relevante importância no processo de construção da versão histórica da Festa de Santa Quitéria de Frexeiras foi o uso da iconografia, por meio da contextualização da arquitetura, das fotografias e das obras de arte dispostas no casarão/capela, no museu de cultura popular e ex-votos Maria das Graças, e também daquelas imagens publicadas em revistas, jornais e nas mídias da rede mundial de computadores.

Nesse viés, é valioso mencionar os conhecimentos transmitidos pelo historiador Paulo Knauss (2006, p. 99), o qual afirma que: “A imagem pode ser caracterizada como expressão da diversidade social, exibindo a pluralidade humana”. Caberá ao pesquisador, pela exploração perspicaz dos acervos documentais iconográficos, encontrar os elementos de memória que possam evidenciar, comprovar, compreender e revelar a história do tempo pesquisado, compreendendo e integrando o mais amplo espectro social.

Acrescenta Knauss (2006, p. 99), que: “Não se pode deixar de reconhecer o potencial de comunicação universal das imagens [...]. A imagem é capaz de atingir todas as camadas sociais ao ultrapassar as diversas fronteiras sociais pelo alcance do sentido humano da visão”. Portanto, a exploração das imagens, fotografias e obras de arte, tem a missão de revelar, além do campo de alcance da visão humana, o que os grupos humanos, das mais diversas classes sociais, quiseram expressar nos mais distintos momentos da história da festa e do santuário de Santa Quitéria de Frexeiras.

Logo, ao se estabelecer a interação entre as diversas fontes documentais não escritas, comparando as iconografias de imagens, fotografias e obras de arte, foi possível extrair muitas informações, tais como, uma possível datação; possíveis devoções; técnicas utilizadas; os vários estilos presentes; as mudanças e evoluções ocorridas com o avançar do tempo; entre outras.

A pesquisa apresenta uma festa popular de cunho religioso, mas que também continha em sua grade de programação um conteúdo profano, cujos recortes históricos demonstram similaridade com os costumes tradicionais vividos e praticados em outras festas do período. As imagens expostas nas várias etapas do processo não visam apenas cumprir uma mera função ilustrativa, mas buscam transmitir para o leitor a sensação de conexão com o passado, despertando a reflexão sobre os acontecimentos vividos naquele período histórico, às vezes contribuindo para uma compreensão do texto escrito e às vezes complementando-o com elementos e informações históricas que não foi possível expressar através do processo da escrita. Mesmo quando algumas imagens não são do objeto evidenciado pela escrita, visam demonstrar as similaridades das tradições sendo replicadas nas mais diversas regiões e comunidades.

Dentre as fontes consultadas, as principais delas foram a “Revista da Cidade”, a qual subsidiou consideravelmente o acervo iconográfico de fotografias que retratam os aspectos arquitetônicos dos monumentos e empreendimentos da cidade de Garanhuns, além de personalidades, objetos e instrumentos de uso cotidiano das pessoas, especialmente da década de 1920; a revista “Cultura – Revista de História e Teoria das Ideias”, vol. 27, 2010, da qual utilizei documentos de imagens, mas também foi um importante documento escrito para a pesquisa, contribuiu para as narrativas da origem, vida e martírio da Santa Quitéria; outra grande parte das imagens pertence ao acervo pessoal do autor, produzidas durante as visitas ao vilarejo de Frexeiras – São João-PE, em especial ao Museu de Cultura Popular e Ex-votos Maria das Graças, que lá está localizado.

Outras fontes iconográficas que ganharam importância ampliada no processo historiográfico, principalmente em razão do casarão/capela da Santa Quitéria de Frexeiras haver permanecido fechado durante todo o período da pesquisa, foram as imagens obtidas a partir dos sites: “Ideias de Fim de Semana”, produzidas pela comunicadora digital Anna Terra; “Novos Para Nós”, produzidas por Renan Quevedo; “Descanso Para a Loucura”; “Estações Ferroviárias do Brasil”; “Iba Mendes Pesquisas”, o qual mantém um rico acervo de fotografias históricas de inúmeras cidades do Brasil; “IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística”; “Retablos.ru”; “Paulo Vasconcelos Leilões”; “História de Alagoas”; e “FUNDAJ”, que agrega imagens do acervo do Museu do Homem do Nordeste – Recife-PE; além daquelas obtidas a partir dos blogs “Comissão Memorial do Centenário da Hecatombe de Garanhuns”; “Roberto Almeida”, e “Carlos Eugênio”.

Necessário acrescentar, que também foram utilizados no livro elementos de imagens extraídas a partir de pesquisas a dois vídeos. A primeira delas (figura 32), foi extraída de um vídeo publicado na plataforma “YouTube”, produzida por “Guilherme Nanes”, a qual contextualiza o elemento cultural das danças realizadas pelos grupos de reisados, no interior da capela de Santa Quitéria de Frexeiras, durante as festividades dedicadas a santa milagrosa; e a segunda (figura 33), foi extraída a partir do vídeo de uma reportagem publicada na plataforma de streaming “Globo Play”, produzida pela “TV Asa Branca”, a qual ilustra e contextualiza um costume tradicional praticado pelos romeiros da Santa Quitéria de Frexeiras, que é o ritual da travessia por debaixo do altar da santa, durante as visitas à capela, costume cuja crença é que seja ele a razão pela qual o pedido feito a Santa Quitéria nunca deixará de ser alcançado.

2.3 – A Festa de Santa Quitéria e o uso da memória

O conhecimento sobre a história da Festa de Santa Quitéria de Frexeiras está intrinsicamente ligado às memórias que foram resgatadas através desse processo de pesquisa científica, as quais já foram devidamente reportadas no curso inicial deste relatório, e que, apesar de escassas, foram suficientes para narrar essa história que retrata uma belíssima manifestação popular, tanto sob o ponto de vista da fusão da religiosidade leiga com a romanizada, quanto sob ótica da cultura e da arte.

Porém, ao pensar o uso da memória para a produção das narrativas sobre a Festa de Santa Quitéria de Frexeiras, de início é preciso compreender que ela não é um acúmulo de dados ou informações que são acomodados de forma sistematizada pelo ofício do historiador para reconstruir a perfeita e exata versão histórica do que outrora existiu. Relembrando Walter Benjamin (1987, 224), quando afirma que: “Articular historicamente o passado não significa conhecê-lo ‘como ele de fato foi’. Significa apropriar-se de uma reminiscência, tal como ela relampeja no momento de um perigo.” Compreendemos que a memória pode sobreviver nos resquícios dos documentos escritos e não escritos, tais como os monumentos, as iconografias, as imagens, as fotografias, etc, além dos lampejos carregados pelas tradições e costumes dos grupos humanos, assim, suscetível às lembranças e aos esquecimentos.

Nesse sentido também é a manifestação do historiador francês Pierre Nora:

A memória é a vida, sempre carregada por grupos vivos e, nesse sentido, ela está em permanente evolução, aberta à dialética da lembrança e do esquecimento, inconsciente de suas deformações sucessivas, vulnerável a todos os usos e manipulações, susceptível de longas latências e de repentinas revitalizações. (Nora, 1993, p. 9)

São essas centelhas que ao serem restauradas constituirão aquilo que a coletividade conhecerá do seu passado, sendo assim, afirma Jacques Le Goff, “A memória é um elemento essencial do que se costuma chamar *identidade*, individual ou coletiva, cuja busca é uma das atividades fundamentais dos indivíduos e das sociedades de hoje, na febre e na angústia.” (Le Goff, 1990, p. 476).

Sendo a memória passível de esquecimentos, carece que seja reavivada pelos métodos da história, os quais irão conferir visibilidade às temporalidades históricas dos grupos humanos em seus respectivos territórios de vivências. Portanto, se a história trabalha com este elemento inexato que é a memória, conseqüentemente e inevitavelmente a história também o será, nesse sentido são as reflexões de Le Goff (1990, p. 21):

O método histórico só pode ser um método inexato... A história quer ser objetiva e não pode sê-lo. Quer fazer reviver e só pode reconstruir. Ela quer tomar as coisas contemporâneas, mas ao mesmo tempo tem de reconstituir a distância e a profundidade da lenda histórica.

Nessa saudável discussão sobre esse importante elemento operacionalizado pelo historiador, é valioso trazer à tona as distinções sobre história e memória apresentadas por Pierre Nora:

A história é a reconstrução sempre problemática e incompleta do que não existe mais. A memória é um fenômeno sempre atual, um elo vivido no eterno presente; a história, uma representação do passado. Porque é afetiva e mágica, a memória não se acomoda a detalhes que a confortam; ela se alimenta de lembranças vagas, telescópicas, globais ou flutuantes, particulares ou simbólicas, sensível a todas as transferências, cenas, censuras ou projeções. A história, porque operação intelectual e laicizante, demanda análise e discurso crítico. A memória instala a lembrança no sagrado, a história a liberta, e a torna sempre prosaica. A memória emerge de um grupo que ela une, o que quer dizer, como Halbwachs o fez, que há tantas memórias quantos grupos existem; que ela é, por natureza, múltipla e desacelerada, coletiva, plural e individualizada. A história, ao contrário, pertence a todos e a ninguém, o que lhe dá uma vocação para o universal. A memória se enraíza no concreto, no espaço, no gesto, na imagem, no objeto. A história só se liga às continuidades temporais, às evoluções e às relações das coisas. A memória é um absoluto e a história só conhece o relativo. (Nora, 1993, p. 9)

Portanto, não podemos alimentar a ideia de que a memória seja um acúmulo de dados e informações sobre grupos de pessoas, necessitamos pensar a memória como uma instância criativa que precisa ser explorada em todos os elementos que a represente ou que contenha qualquer centelha de sua presença.

A atividade que é desenvolvida para operacionalizar a memória e levar ao conhecimento público as experiências vividas pelos nossos antepassados, demanda expressiva importância e responsabilidade, pois poderá contribuir para as tomadas de decisões e comportamentos futuros de toda uma coletividade, assim, “[...] a memória coletiva é não somente uma conquista, é também um instrumento e um objeto de poder.” (Le Goff, 1990, p. 476). Portanto, a versão resultante do ofício do historiador, ao mesmo tempo que é impactada pelas memórias, também tem a capacidade de provocar impactos, influenciando os comportamentos que construirão memórias futuras.

No processo de compreensão da história da Festa de Santa Quitéria de Frexeiras a partir da memória, dentre tantos conceitos teóricos observados, foi essencial o apresentado por Walter Benjamin (1987, 224), ao alertar para o fato de que a articulação da memória para

conhecer o passado, não deve ter a pretensão de conhecê-lo como de fato o foi, mas a busca deve se dar com o propósito de apropriar-se de reminiscências ou centelhas que possibilitem, em diálogo com os demais elementos e ferramentas de pesquisa, criar uma versão provável dos acontecimentos históricos.

A partir dessa compreensão, foi possível vencer as angústias causadas pelas escassas fontes escritas encontradas durante o processo inicial de pesquisa, permitindo um trabalho mais fluido com o uso das demais fontes não escritas, as quais contextualizadas com a historiografia, possibilitaram narrar a versão da Festa de Santa Quitéria apresentada no produto desta pesquisa.

2.4 Tradição e a Festa de Santa Quitéria de Frexeiras.

Ao pensar a tradição na Festa de Santa Quitéria de Frexeiras, logo de início emergem memórias do conjunto de comportamentos, costumes e práticas religiosas e culturais que fazem parte do contexto religioso da festa. De fato, a tradição é encontrada nas festas religiosas com maior expressividade em razão da preservação de símbolos, elementos culturais e sagrados, valores e rituais que marcam a identidade dos eventos religiosos. Portanto, ela é responsável por uma delimitação de espaços que avança no tempo, demarcando não apenas o uso dos espaços físicos, mas os espaços temporais, através dos cenários que se repetem até alcançar o tempo presente.

De acordo com o sociólogo Anthony Giddens,

A tradição é um modo de integrar a monitoração da ação com a organização tempo-espacial da comunidade. Ela é uma maneira de lidar com o tempo e o espaço, que insere qualquer atividade ou experiência particular dentro da continuidade do passado, presente e futuro, sendo estes por sua vez estruturados por práticas sociais recorrentes (Giddens, 1991, p. 38).

Vejamos a princípio, que a imagem da Santa Quitéria, símbolo máximo da festa que se tornou tradicional no vilarejo de Frexeiras, traz consigo uma história que foi edificada por meio de lendas e mistérios. Valioso compreender que a tradição sob a qual se sustenta a Festa de Santa Quitéria de Frexeiras, é precedida de uma outra tradição, esta construída sob as bases de uma Religião Católica que havia aderido ao uso das imagens como forma de expressão visual para simbolizar a fé, em razão da necessidade de agradar ao Império Romano, já que havia se tornado a religião oficial do referido império. Conforme Hans Belting: “A Igreja tinha de lidar com a necessidade dos recém-chegados de ter imagens que representassem o objeto de sua fé.” (Belting, 2010, p. 178).

O processo tempo-espacial necessário para que a Festa de Santa Quitéria de Frexeiras tenha conquistado essa condição de festa tradicional e se consolidado na memória da comunidade, dos romeiros e dos seus frequentadores, não foi possível determinar através da pesquisa, entretanto, desde o início do recorte temporal pesquisado, as referências a festa já as colocava como um evento tradicional. É como informa o anúncio do jornal Diário de Pernambuco (17 set. 1885, p. 2): “Celebrou-se no dia 8 do corrente com uma missa cantada a tradicional festa da gloriosa Santa Quitéria, que se venera em sua capelinha de Frexeiras, e demora duas léguas ao nascente desta cidade”.

Valioso acrescentar que em seus estudos sobre a memória, Jacques Le Goff estabelece a íntima ligação existente entre a memória e a tradição, e numa referência a Leroi-Gourhan, apresenta a seguinte reflexão:

A tradição é biologicamente tão indispensável à espécie humana como o condicionamento genético o é às sociedades de insetos: a sobrevivência étnica funda-se na rotina, o diálogo que se estabelece suscita o equilíbrio entre rotina e progresso, simbolizando a rotina o capital necessário à sobrevivência do grupo, o progresso, a intervenção das inovações individuais para uma sobrevivência melhorada. (Le Goff, 1990, p. 475).

Ainda com relação a tradição, é valioso considerar que ela consiste no elemento definidor das práticas que se protraem no tempo, consubstanciada por memórias, crenças, comportamentos, símbolos, lendas, costumes e valores, os quais passam a integrar, dar significado e solidez a cultura de um povo e que se consolidam pela transmissão duradoura entre as gerações. De acordo com Anthony Giddens, “nas culturas tradicionais, o passado é honrado e os símbolos são valorizados porque contêm e perpetuam a experiência de gerações” (Giddens, 1991, p. 38).

Apesar da relação do sagrado e do mundo das crenças haver sido mais intensa nas sociedades tradicionais do que nas modernas, diferentes festas e celebrações religiosas continuam fazendo parte das tradições das comunidades, enaltecem os elementos culturais das respectivas regiões, fortalecem a cultura e promovem uma imagem identitária do lugar.

Vejamos que a festa de Santa Quitéria, com o decorrer do tempo, adquiriu uma dinâmica própria, entretanto, continuou sendo uma representação religiosa, cujos ensinamentos do passado permaneceram sendo transmitidos informalmente entre as gerações por meios de símbolos e práticas. Nesse momento, cumpre ressaltar a prática da oferta dos ex-votos, uma tradição que reflete uma identidade do santuário desde o início delimitado ao recorte temporal

da pesquisa, mas possivelmente desde a sua origem, e permanece viva até os dias atuais, aliás, mais viva e forte a cada ciclo das festividades.

A tradição, portanto, se afirma nas permanências, nas constâncias, nas continuidades e nas repetições dos elementos a cada novo evento, mesmo que sofra interferências do tempo e aceite adequações, o fato é que mantém um arcabouço básico de elementos que se repetem nas edições festivas e que são responsáveis pela construção, no curso do tempo, de uma imagem identitária da festa ou do lugar onde ela é realizada. Nesse ponto, valioso acrescentar os ensinamentos de Peter Burke, “A tradição é um processo – vive apenas enquanto é continuamente reproduzida. É efervescentemente vital em sua aparente quietude.” (Burke, 1992, p. 178).

A efervescência que mantém viva a tradição é a sua aparente quietude, não sua imutabilidade, assim, não desprezemos a ideia de que toda festa está suscetível a absorção de mudanças ao longo do tempo, ora, com inclusões de práticas, simbologias ou costumes, ora, por meio de esquecimentos de alguns desses.

Assim, os devotos de Santa Quitéria ao retornarem anualmente a Frexeiras, se apropriam dos espaços, e inevitavelmente ressignificam-os, e nesse processo reinventam suas tradições, adaptando-as as novas circunstâncias evolutivas do tempo, e é assim que a festividade tem se mantido viva por gerações.

Ainda sobre as tradições, Jaume Colomer, citado por Doralice Sátyro Maia e Nirvana Lígia Albino Rafael Sá, apresenta em seus estudos realizados sobre as festas da Catalunya, uma distinção entre as festas tradicionais e as festas populares. Ao se referir as festas tradicionais, as classifica afirmando que são “aquelas que se celebra a cada ano, de maneira fixa e continuada, embora com o tempo possam ter modificações. Mas o importante é que a festa segue viva havendo de evolucionar e adequar-se cada ano às novas necessidades que vão surgindo”. Já as festas populares consistiriam naquelas em que todos que os que vivem na comunidade, protagonizam, participam e colaboram com a realização dos eventos necessários para animar a festa, conforme seus gostos e preferências. Não obstante, conclui que na maioria das vezes as festas tradicionais também são populares (Colomer, 1978 apud Maia; Sá, 2008, p. 23).

Nos moldes compreendidos por Jaume Colomer, a festividade da Santa Quitéria de Frexeiras se enquadra como uma festa popular e tradicional, haja vista que a dinâmica do evento acontece com a integração e participação das pessoas da comunidade em seus eventos, mantendo os elementos e rituais que a identifica como uma festa tradicional, vivos e reavivados, mesmo que ressignificados.

Um ponto a ser considerado nas discussões é sobre as tradições inventadas. Vejamos que as festas religiosas, principalmente àquelas comemorações de cunho sagrado, guardam uma característica marcante que é a tradição, a significação de símbolos que são perpetuados por gerações, com reduzida margem de mudança no curso do tempo, principalmente quando nos referimos às solenidades decorrentes do catolicismo romanizado. Portanto, nas festas católicas os símbolos sagrados são notadamente reconhecidos pelos seguidores da religião, os rituais são apreendidos de forma indubitável pelos fiéis, e isso decorre da tradição que lança para o futuro as vivências passadas que se conectaram ao presente.

Quanto a expressão ora posta em discussão, o historiador Eric John Ernest Hobsbawm apresenta a seguinte reflexão:

O termo “tradição inventada” é utilizado num sentido amplo, mas nunca indefinido. Inclui tanto as “tradições” realmente inventadas, construídas e formalmente institucionalizadas, quanto as que surgiram de maneira mais difícil de localizar num período limitado e determinado de tempo - às vezes coisa de poucos anos apenas - e se estabeleceram com enorme rapidez (Hobsbawm; Ranger, 1984, p. 09).

No caso do santuário e da festa religiosa de Santa Quitéria de Frexeiras, por guardar características predominantemente popular ou leiga, encontramos práticas aparentemente tradicionais manifestadas com o desejo ou a intenção de sacralidade, pois destinam-se a agradar a divindade, mas que nitidamente denotam uma invenção leiga, cuja existência não é possível aferir, pois são desconectadas de todas as demais práticas tradicionalmente sagradas que são homogeneamente vivenciadas nos templos e nas comemorações religiosas, em especial àqueles sob o domínio do catolicismo romanizado. Vale acrescentar que também existem outros locais de natureza religiosa, inclusive sob domínio do catolicismo romanizado, manifestações criadas ou inventadas com representações e significações distintas, e que se tornam rituais exclusivos, peculiares e identitários desses locais.

Sob a ótica de Hobsbawm; Ranger (1984, p.10), entende-se por tradição inventada:

[...] um conjunto de práticas, normalmente reguladas por regras tácitas ou abertamente aceitas; tais práticas, de natureza ritual ou simbólica, visam inculcar certos valores e normas de comportamento através da repetição, o que implica, automaticamente; uma continuidade em relação ao passado.

Nesse aspecto específico, me reporto a um costume folclórico tradicional que assume condição de prática sagrada sob a ótica do romeiro de Santa Quitéria, o qual se torna uma manifestação quase que obrigatória para quem visita o santuário em busca de algum milagre,

que é o ritual de realizar um pedido ou uma promessa à santa mártir e fazer uma travessia por debaixo do altar da santa. Acredita-se que cumprindo esse ritual da travessia, o pedido feito a Santa Quitéria não deixará de ser alcançado. É um ritual cuja origem não é possível aferir a data, ou o criador, mas que invadiu o senso comum dos frequentadores do santuário, como uma forma de agradar a divindade ali representada pela imagem da Santa Quitéria, no intuito de que ela conceda a graça almejada. Trata-se de mais um aspecto de natureza mística associado a existência dos santos em ambientes de culto popular ou leigo.

Dentre os conceitos teóricos anotados, para a compreensão da tradição no contexto da Festa de Santa Quitéria de Frexeiras, destacamos o trazido a discussão por Peter Burke (1992, p. 178), o qual ressalta que “A tradição é um processo – vive apenas enquanto é continuamente reproduzida. É efervescentemente vital em sua aparente quietude.” Notadamente, a tradição da Festa de Santa Quitéria reproduz uma característica comum as festas religiosas, que é avançar no curso do tempo preservando costumes, valores, rituais, etc., os quais aparentemente adormecidos entre as datas do calendário, se renovam com a mesma intensidade a cada nova festa. Assim, a tradição carrega essa característica de ser um processo de rememoração cíclica marcado pelo ritmo do calendário, o qual é responsável por manter viva a Festa de Santa Quitéria de Frexeiras, preservando as suas características identitárias.

2.5 – Origem dos santos e da Santa Quitéria.

Ao desenvolver uma pesquisa com vista a conhecer a Festa de Santa Quitéria de Frexeiras, é indispensável trabalhar o conhecimento sobre a origem e o surgimento da virgem mártir, ícone que simboliza, identifica e conecta os romeiros com o santuário e a festa. Por conseguinte, esse conhecimento perpassa pela compreensão do universo místico e sobrenatural de onde emanam as personalidades e as imagens dos santos, que por sua vez estão conectadas com a religião.

Vejamoinicialmente, que as práticas religiosas estão associadas à existência da humanidade. Iremos encontrar narrativas históricas que conectam as pessoas às práticas religiosas entre os egípcios e gregos, aborígenes e indígenas, que desde então vêm cruzando oceanos e percorrendo civilizações até alcançar o tempo presente. Ao longo da história a religiosidade se estabeleceu com divergências quanto a compreensão da verdade, e assim foram criadas diversas doutrinas, ramificações ou formas de crença, entretanto, algo tem sido compartilhado por todos, que é a confiança em forças que fogem a razão e a compreensão, mas que são determinantes nos direcionamentos e decisões da vida humana.

De acordo com o sociólogo Émile Durkheim:

Uma noção que geralmente é considerada como característica de tudo aquilo que é religioso é a de sobrenatural. Com esse termo entende-se toda ordem de coisas que vai além do alcance do nosso entendimento; o sobrenatural é o mundo do mistério, do incognoscível, do incompreensível. A religião seria, assim, uma espécie de especulação sobre tudo aquilo que escapa à ciência e, mais geralmente, ao pensamento *distinto*. (Durkheim, 1990, p. 54-55)

Relativamente a forma de compreensão do sobrenatural refletiu o antropólogo Clifford Geertz (2008, p. 73): “[O homem] pode adaptar-se, de alguma forma, a qualquer coisa que sua imaginação possa enfrentar, mas ele não pode confrontar-se com o Caos.” Assim, diante da dificuldade aparentemente insolúvel, o temor não é uma solução que tenha surgido do sobrenatural, do inexplicável, mas sim, da ausência de uma solução, pois uma solução misteriosa e inexplicável por si só basta e finda numa explicação, a fé. Os santos surgem na esteira do incompreensível, justificam uma pseudo compreensão humana ao improvável e nele produz a sensação de proteção diante do inominável temor ao caos. Possivelmente por essa razão, afirma Michel de Certeau (2021, p. 84), que os santos seriam aqueles a quem eram atribuídas a denominação de “místicos”, pois a eles eram creditadas as soluções misteriosas obtidas e justificadas através da fé.

No processo de concretização das ideias e sentimentos do sobrenatural, muitos necessitam que haja uma materialização para aceitar essa existência, diante disso, passam a dar formas a objetos, imagens, rituais e símbolos. As imagens no catolicismo, portanto, surgem como expressão visual do sobrenatural simbolizando um instrumento da fé, que parte da necessidade do homem de visualizar e sentir o seu objeto de crença. No catolicismo, “As primeiras declarações sobre imagens datam do séc. IV, quando o cristianismo se tornou a religião oficial do Império Romano.” (Belting, 2010, p. 178).

A transmutação do invisível em matéria atua como justificativa para a compreensão do sobrenatural. Resultam daí as imagens representativas dos santos, mas também as representações dos ex-votos, de onde mais uma vez é possível identificar o caráter místico dos santos, e nesse sentido são as reflexões de Durkheim (1990, p. 55), ao afirmar que:

Certamente quando os vemos atribuir a objetos insignificantes virtudes extraordinárias, povoar o universo com princípios singulares, constituídos dos elementos mais absurdos, dotados de uma espécie de ubiquidade dificilmente imaginável, facilmente encontramos nessas concepções um ar de mistério.

Os santos são representações de seres humanos cujas vidas foram voltadas para à prática do bem e da virtude, portanto, tiveram vidas dedicadas a Deus e são consagrados a partir do surgimento dos milagres. Nas palavras de Certeau (1982, p. 266), “Cada vida de santo deve ser antes considerada como um sistema que organiza uma manifestação graças à combinação topológica de ‘virtudes’ e de ‘milagres’.”

Para alguns devotos o santo permanece sob a perspectiva da invisibilidade, imaterializado, um ser místico e divino que em conexão com o próprio Deus distribui bênçãos e proteção aos lugares e as pessoas, para outros, essa mesma força protetora é encontrada através da imagem materializada e integrada a um ambiente de um templo ou de uma localidade. Independentemente de como é delineada a percepção mental sobre os santos, no âmbito das comunidades eles se integram ao ambiente sob a perspectiva da construção de uma identidade para o lugar, portanto, “A vida de santo se inscreve na vida de um grupo, igreja ou comunidade. Ela supõe que o grupo já tenha uma existência. Mas representa a consciência que ele tem de si mesmo. Associando uma imagem a um lugar.” (Certeau, 1982, p. 243).

Na relação dos devotos da Santa Quitéria de Frexeiras, seja sob a percepção imaterial e invisível, ou sob a visão materializada em sua imagem, cuja concretização vem se formando ao longo do tempo pelo histórico dos milagres atribuídos à santa, é que se inscreve na identidade da comunidade do vilarejo a denominação de santuário de Santa Quitéria de Frexeiras, um espaço dedicado a expressão da fé sob a mística dos santos, que produz uma relação de dependência existencial entre a comunidade e a santa, a qual se renova a cada dia através das manifestações de fé, tanto expressadas pelo contato íntimo, interior e pessoal do devoto com a santa, nas visitas que ocorrem diariamente ao santuário, quanto pelas manifestações religiosas e culturais que ocorrem no calendário festivo anual.

A Igreja Católica que inicialmente se mantinha resistente a presença de imagens de culto, até como uma forma de se distinguir das religiões pagãs na antiguidade, enfim, compreende a força destas representações e inicia a reflexão sobre a possibilidade de aceitá-las em seus cultos, pois “A Igreja tinha de lidar com a necessidade dos recém-chegados de ter imagens que representassem o objeto de sua fé.” (Belting, 2010, p. 178). O uso de imagens preocupava o clero tendo em vista o risco de costumes pagãos invadirem, de forma indesejada, as práticas cristãs. Mas como não considerar as resistências daqueles que advindos de outras práticas e agora abraçavam o cristianismo? Já que eram incrédulos a uma fé com símbolos imateriais, não visíveis, não palpáveis.

Mas é somente no século VI que surgem notícias da primeira utilização de imagens religiosas pela igreja, mais precisamente quando algumas imagens votivas foram doadas pela

família imperial à igreja de Blachernae. Então, quando já não era mais possível ignorar o culto às imagens, estas passaram a ser vistas como um instrumento pedagógico para ensinar a Escritura Sagrada àqueles mais ignorantes e iletrados, tornando-se essa a ideia oficial do uso de imagens na época pela Igreja Romana (Belting, 2010, p. 179).

O fato da igreja, mesmo que de forma mitigada, haver reconhecido as imagens como objeto de simbolismo da fé cristã, gerou expressivas discordâncias e disputas, refletidas em movimentos, como o dos iconoclastas no século VIII e da Reforma de Lutero (Reforma Protestante), no século XVI, cada um deles em seu contexto histórico, político e econômico contribuíram para a transformação dos dogmas da religião católica. Então, concílios, sínodos e incontáveis encontros aconteceram séculos adiante onde se discutiam a problemática sobre ser ou não ser possível a materialização do divino (Belting, 2010, p. 179 - 186).

Enfim, através da reunião de teólogos no Concílio de Trento (1545 – 1563), ficaram redefinidas as teorias que o catolicismo moderno deveria seguir. Também denominado de Concílio da Contrarreforma, foi convocado pelo Papa Paulo III, com a finalidade de garantir a unidade da fé e a disciplina eclesiástica, mas também como uma ação para obstar à divisão então vivida na Europa devido a Reforma Protestante proposta por Martinho Lutero. Foi através desse Concílio que a Igreja Católica estabeleceu regras esclarecedoras quanto as condições a serem aplicadas às imagens, às relíquias e a todas as edificações religiosas, as quais perduram e são aplicadas até o tempo presente (Besen, 2016, p. 279 - 294).

Na sessão XXV do documento que resultou do Concílio de Trento, ficaram definidas normas quanto a invocação dos santos, honra das relíquias e o uso das imagens, cuja função de instruir aos fiéis caberia a todos os Bispos e demais pessoas que recebessem da Igreja a missão de ensinar e instruir. Do conteúdo do decreto consta que deve ser ensinado aos fiéis que será bom e útil invocar aos santos por socorro e auxílio, através de súplicas e orações, para obter os benefícios que devem ser pedidos a Deus, pois “os Santos reinam juntamente com Cristo e oferecem a Deus suas orações pelos homens.” Já em relação as imagens, o decreto determina que àquelas que representam o Cristo, a Santíssima Virgem e os demais santos, devem ser conservadas nos templos, e a elas devem ser tributadas a devida honra e veneração, esclarecendo que a veneração não deverá se dar em razão dos elementos iconográficos expostos, mas em razão dos protótipos que eles representam, ou seja, a adoração deverá ser dirigida ao Cristo ou ao santo representado na imagem. Por fim, determina que os bispos devem utilizar as narrações dos mistérios da redenção cristã, os quadros, as pinturas e outras figuras, com a finalidade promover a educação do povo no sentido de preservar a memória e venerar os artigos da fé (Concílio, 1563).

Nesse viés, as imagens do catolicismo são criações humanas que partem do contexto cultural de um determinado tempo histórico, representam símbolos religiosos nos quais estão contidas ou inseridas mensagens que indicam e dão sentido a uma determinada devoção. Para compreensão desse sentido é necessário primeiramente compreender o contexto histórico, a circunstância e a cultura do tempo e do local onde a personagem representativa da imagem surgiu ou foi originada. Nessa conjuntura emergirá a história da Santa Quitéria, cuja imagem foi levada do solo português para aportar no vilarejo de Frexeiras.,

As narrativas sobre a origem de Santa Quitéria têm sido atribuídas a países como França, Espanha e Portugal, entretanto, uma pesquisa desenvolvida por Luís Alberto Casimiro, em trabalho intitulado “Quitéria, uma santa da Lusitânia nas terras de Entre-Douro-e-Minho”, sobre a qual será baseada a história da origem da Santa Quitéria, dão um maior indicativo de que o seu nascimento e martírio se deu em terras portuguesas, não obstante, todas as outras biografias apresentarem muita semelhança em suas narrativas, divergindo essencialmente quanto ao país de origem.

Por conseguinte, tendo em vista a indicação histórica de que a imagem de Santa Quitéria de Frexeiras tenha sido trazida de Portugal, a narrativa da sua origem será desenvolvida a partir do trabalho de pesquisa feito por Luís Alberto Casimiro, o qual usou como fontes de pesquisa a obra “Agiológio Lusitano”, produzida por Jorge Cardoso, publicada em 2002 (edição fac-similada do original de 1666), além da obra “*Vida, e martyrio da insigne virgem, e martyr prodigiosa Santa Quitéria, sereníssima Infante de Portugal, no Monte de Pompeyro*”, publicada em 1722, e produzida por Frei Bento da Ascensão, sendo esta última uma das mais importantes fontes sobre a vida da Santa Quitéria.

Ambas as literaturas assemelham-se nas narrativas, de onde se pode extrair que o nascimento de Santa Quitéria ocorreu na região então conhecida como Bracara-Augusta, atual cidade de Braga; foi filha de Lúcio Caio Atílio Severo, governador da província e de Cácia Lúcia Severo; casal pagão e oriundo de famílias nobres, mas que ficaram muitos anos sem ter descendentes, porém, ao Cácia engravidar, concebeu nove irmãs de parto único, ocorrido durante um período que o esposo se encontrava ausente, acompanhando o Imperador Adriano em viagem pela Península (Casimiro, 2010, p. 146).

O parto foi encarado por Cácia como um mau presságio, e buscando se esquivar de uma possível indignação do marido, tramou um plano para matar as filhas, entregando-as a Cita – criada da família, para que esta as afogasse no rio. Entretanto, Cita sendo uma cristã oculta, descumpriu em segredo a determinação e entregou as crianças ao arcebispo de Braga, o qual as batizou pelos nomes de Quitéria, Eufémia, Germana, Liberata (ou Librada), Vitória, Basília,

Marinha, Genebra e Marciana; em seguida as entregou a diversas famílias cristãs, pelas quais foram educadas na religião cristã (Casimiro, 2010, p. 146).

Em razão de uma perseguição aos cristãos por todo o Império Romano, promovida pelo imperador Adriano, o governador Lúcio Caio ordenou a prisão daqueles cristãos que estivessem em seus domínios, quando então, Quitéria e suas irmãs também foram presas e o pai descobre sobre a existência das filhas, propondo que as mesmas renunciassem ao cristianismo e casassem com jovens ricos e nobres que lhes seriam oferecidos, porém elas haviam feito votos de castidade e se consagrado ao Senhor, em gratidão por terem nascido de um milagroso parto e terem sido livradas da morte que a mãe as havia condenado, então recusaram às propostas do pai por considerarem contrárias à vontade de Deus e fugiram se espalhando por diversas regiões mundo afora.

O fato da Santa Quitéria haver recusado a proposta do pai, causou-lhe tamanha indignação e fúria, que ele autorizou a Germano, o jovem a quem Quitéria havia sido prometida, para que, acompanhado de vários soldados, partisse em captura da filha com ordens para matá-la, cortando sua cabeça. Antes de ser capturada, a jovem Quitéria, sabendo ser perseguida, teria se escondido no oco do tronco de uma árvore, tendo pedido a um pastor das redondezas, que a tinha visto, para que não a denunciasse, porém, o pastor ao ser inquirido por Germano afirmou não ter visto ninguém, mas por meio de gestos apontou para onde se refugiava a Santa Quitéria.

Durante esse episódio, reza a lenda que o pastor que a denunciou foi mordido por seus cães que haviam ficado raivosos após Santa Quitéria haver sido encontrada, ele então, muito ferido, ajoelhou-se diante da jovem prestes a ser martirizada, a qual o perdoou mandando lavar as feridas com água de uma fonte que ela fez brotar no local. Essa é a razão dela ser invocada como advogada contra a raiva.

Ao ser capturada, o próprio Germano, na manhã do dia 22 de maio do ano de 135, tomou a espada e promoveu a decapitação de Santa Quitéria, que, assim, se tornou a primeira mártir em terra que depois viria a ser portuguesa. Ainda segundo a tradição, brotou uma fonte no local do martírio, e os soldados e o próprio Germano ficaram cegos após a decapitação. Reza a lenda, que após Santa Quitéria ser decapitada, teria caminhado levando a cabeça nas mãos, de Pombeiro da Beira até o lugar onde queria ser enterrada, atualmente Felgueiras, no norte de Portugal (Casimiro, 2010, p. 150). As notícias dos primeiros milagres atribuídos a Santa Quitéria são datadas do século VII, conforme indica a *Bibliotheca Sanctorum*, os quais coincidem com o período quando ela começou a ser venerada como mártir. Já o seu martírio foi referido pela primeira vez no século XII, no Martirológio de São Severo (Casimiro, 2010, p. 144).

O principal teórico utilizado para nortear a compreensão do conteúdo construído para abordar a origem dos santos e da Santa Quitéria, foi Michel de Certeau, cujo conceito chave informa que aos santos eram atribuídas a denominação de “místicos”, já que a eles eram creditadas soluções misteriosas, obtidas e justificadas somente através da fé. Aqui reside a compreensão de toda a atmosfera mística que se vive ao frequentar a Festa da Santa Quitéria de Frexeiras e o santuário, onde é perceptível a força de uma energia misteriosa que parte daquela infinidade de ex-votos representativos de milagres, mas também das demonstrações de fé dos peregrinos que praticam duras penitências, cuja suposta justificativa advém de uma força ou poder divino, incompreensível, invisível, misterioso e oculto, que é transmitido pela fé daquelas dezenas, centenas, às vezes milhares de pessoas, que se encontram naquele ambiente, em torno de um propósito comum, celebrar e agradecer o milagre alcançado, mas ao mesmo tempo, renovar pedidos por outras graças, cuja esperança de serem alcançadas está fincada na fé.

2.6 - O espaço e as transformações efêmeras na Festa de Santa Quitéria.

Compreender a Festa de Santa Quitéria de Frexeiras também passa pelo conhecimento das transformações efêmeras que eram aplicadas aos espaços de convivência e socialização do vilarejo durante as festividades.

É de valiosa importância a reflexão sobre as modificações que as festas produzem sobre os espaços, pois é partir dessas transformações que os visitantes encontram o acolhimento para as práticas necessárias ao divertimento prazeroso, afinal, conforme discorre Michel de Certeau (1998, p. 169 – 217), “o espaço é o lugar praticado”, portanto, as manifestações e práticas humanas é que dão sentido aos espaços. Assim, as delimitações dos espaços ocorrem quando as práticas humanas ocupam os lugares e criam, real ou ficticiamente, às imagens definidoras da forma de ocupação e o uso conveniente ou ideal desses espaços. O lugar somente apresenta um sentido se efetivamente puder ter uma destinação humana, pois é na apropriação do espaço pelo homem que ele ganha vida, se torna real, transmite alegria e proporciona diversão, entretenimento e lazer.

Consistindo as festas em concretos fenômenos sociais que se destinam a promoção do divertimento, do lazer, da descontração e da socialização, em ambientes cuja exposição serve para os participantes expressarem transmutações temporárias de suas personalidades, numa verdadeira atuação teatral para ocultar ou repelir os fantasmas das tristezas, dos infortúnios, da solidão, do desalento, da exploração, das violências, etc., também se tornam palcos para a promoção de manifestações de natureza ideológica, religiosa ou política.

Nesse viés, as festas impõem sobre os lugares a necessidade de se construir uma arquitetura efêmera possível e necessária ao acolhimento dessas expressões. Afirma Emilio Carlos Rodriguez Lopez, que “o espaço urbano ganhava um novo significado com as alterações promovidas pelos festejos públicos” (Lopes apud Santos, 2011, p. 41 – 42). Mesmo que não fossem realizadas melhorias significativas ou estruturantes, ocorriam alterações que promoviam a aparente sensação de embelezamento e acolhimento aos que lá visitassem.

Notadamente às festas populares de rua, são impostas transformações provisórias e necessárias sobre o ambiente para a vivência de momentos extra rotina. É na utilização do espaço público, de maneira excepcionalmente modificado e destinado aos momentos de lazer e sociabilidade das pessoas, que os comportamentos individuais e coletivos encontrarão descontração e intimidade em cada recanto da urbe. Então, os locais que outrora significavam apenas espaços para passagem e circulação rotineira, presos as regras de trânsito e normas de conduta do cotidiano, se tornam espaços para a prática prazerosa do lazer e da diversão.

Afirma a historiadora Carla Simone Chamon, em suas análises sobre os festejos cívicos oitocentistas em Minas, que:

[...] toda festa, se sustenta pelo seu encantamento. Sem sombra de dúvida, o que primeiro se sobressai numa comemoração festiva é a sua beleza, o seu poder de encantar e seduzir, tanto a quem participa (como ator ou espectador), como a quem dela toma conhecimento indiretamente, por relatos escritos ou orais. (Chamon, 1998, p. 194 apud Santos, 2018, p. 130)

A realização da Festa de Santa Quitéria de Frexeiras ocorria durante a primeira semana do mês de setembro, onde diariamente os visitantes ocupavam a única rua que formava o pacato povoado de Frexeiras, alterando de forma transitória o espaço, a rotina e a própria vida das pessoas que lá habitavam. Não obstante a modéstia e simplicidade do vilarejo de Frexeiras, as comemorações festivas demandavam que modificações fossem realizadas nos espaços físicos do povoado e no casarão que abriga a capelinha com a imagem da Santa Quitéria, produzindo a caracterização dos espaços de forma adequada a refletir a significação e a grandiosidade que as festividades dedicadas à santa representavam para os moradores da localidade e para os romeiros, mas também, para produzir a sensação de embelezamento visando bem acolher os visitantes que prestigiavam as festividades.

Para ilustrar a arquitetura efêmera registrada nas festividades em Frexeiras, destacamos a ornamentação, a qual era aplicada desde a estrada de acesso ao povoado e se estendia pela rua e pelas modestas casas que constituíam o vilarejo; os moradores colocavam enfeites confeccionados em folhagens, os quais formavam belos arcos, que acompanhados de

bandeirinhas presas a cordões, penduradas e entrecruzadas entre as casas, se espalhavam ao longo da rua e proporcionavam o tom festivo ao lugar. Em frente ao casarão onde fica a capela que acolhe a imagem da Santa Quitéria, era armado um elegante pavilhão onde ocorria a celebração da missa campal, assim, destacando o caráter religioso das festividades (Jornal do Recife, 28 set. 1900, p. 1).

O principal referencial teórico para a compreensão da arquitetura efêmera e o uso dos espaços na Festa de Santa Quitéria de Frexeiras, foi Michel de Certeau, cujo conceito chave define o espaço como o lugar praticado. Se trata de uma definição que bem justifica o fim para o qual se destinam os espaços e a arquitetura efêmera nele produzida, pois aponta para a compreensão de que o uso dos espaços no ambiente da Festa de Santa Quitéria somente alcança efetividade quando a presença humana dele se apropria para os fins ao quais se destinam: celebrar, exercitar a religiosidade e a fé e se divertir nos entretenimentos lúdicos.

2.7 – A Festa de Santa Quitéria de Frexeiras e o calendário.

A compreensão da Festa de Santa Quitéria sob a essência e a função do calendário no contexto das festas religiosas, foi também uma das tarefas desenvolvidas no decorrer da pesquisa.

Vejam, no plano da teoria, o calendário é o instrumento que ao longo da história demarca essa ação transitória que as festas detêm sobre a utilização dos espaços no tempo, eles delimitam um espaço-temporal que estabelece o dia do santo padroeiro e onde são desencadeados os acontecimentos festivos que criam uma memória coletiva na comunidade no que tange ao período ou data de realização das festas. Segundo Le Goff (1990, p. 486), “O calendário, objeto científico, é também um objeto cultural. Ligado a crenças, além de a observações astronômicas (as quais dependem mais das primeiras do que o contrário), e não obstante a laicização de muitas sociedades, ele é, manifestamente, um objeto religioso”.

De acordo com hagiológico português, o dia dedicado a render homenagens a virgem mártir é 22 de maio, data em que é celebrado o seu martírio, entretanto, a Festa de Santa Quitéria de Frexeiras acontece tradicionalmente durante a primeira semana do mês de setembro.

Atualmente se tornou tradicional o dia 07 de setembro para a realização da Festa de Santa Quitéria em Frexeiras, porém, durante o recorte temporal pesquisado as datas transitavam entre os dias 07, 08 ou 09 de setembro, conforme dados apurados a partir das publicações dos jornais da época, os quais foram expostos no gráfico 02 do livro desta pesquisa, indicando a taxa de incidência, conforme cálculos apresentados na planilha e gráfico que seguem.

01 - PLANILHA COM AS DATAS EM QUE FORAM REALIZADAS AS FESTAS DE SANTA QUITÉRIA EM FREIXEIRAS E RESPECTIVOS CÁLCULOS DE INCIDÊNCIA (1880 – 1931).

PUBLICAÇÕES	DATAS	DIAS DA SEMANA
Diário de Pernambuco. Recife, 06 set. 1884, edição 206, p. 2.	08	Segunda-feira
Diário de Pernambuco. Recife, 17 set. 1885, edição 211, p. 2.	08	Terça-feira
Jornal do Recife. Recife, 28 set. 1900, edição 221, p. 1.	09	Domingo
A Província. Recife, 05 set. 1905, edição 200, p. 1	07	Quinta-feira
A Província. Recife, 30 ago. 1906, edição 195, p. 1.	07/08/09	Sexta/Sábado/Domingo
Jornal do Recife. Recife, 03 set. 1908, edição 200, p. 2.	06/07/08	Domingo/segunda/terça
Jornal do Recife. Recife, 10 set. 1921, edição 241, p. 4.	07	Quarta-feira

CÁLCULO DA INCIDÊNCIA DAS FESTAS CONFORME AS DATAS DAS FONTES ENCONTRADAS:

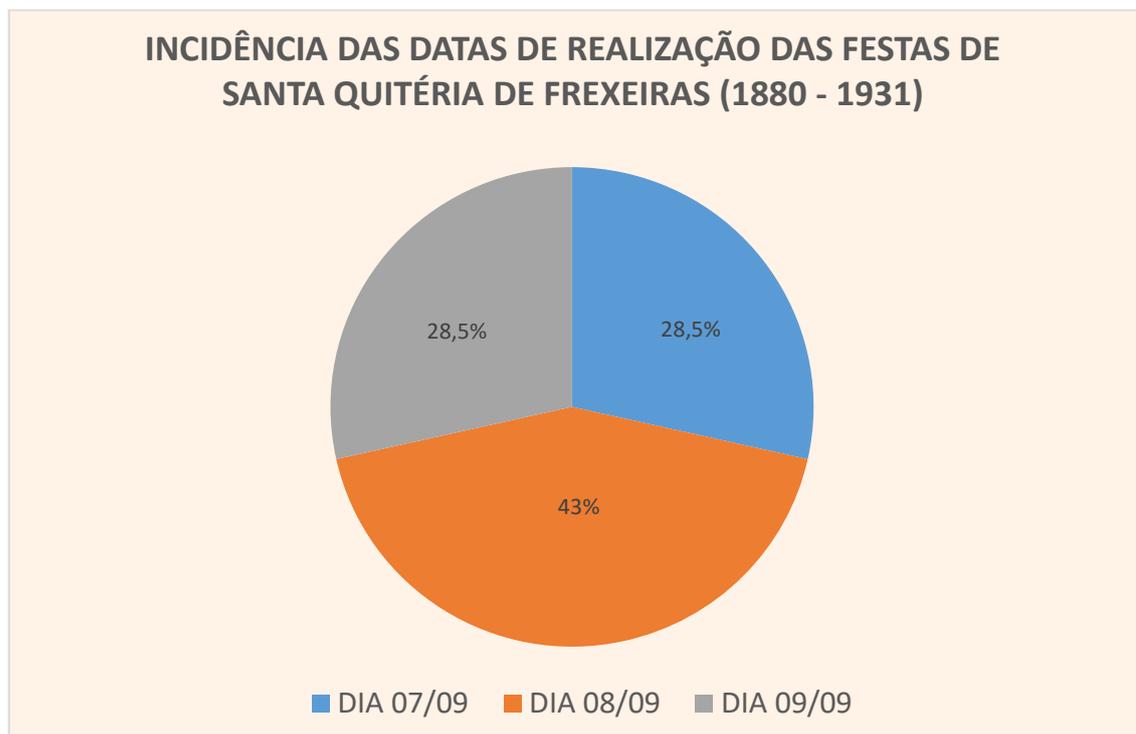
DIA 07: duas vezes.

DIA 08: três vezes.

DIA 09: duas vezes.

OBSERVAÇÃO: nas datas em que foram informados três dias de festas, consideramos o último dia para o cálculo do gráfico, já que este aparentemente costumava ser o dia principal das comemorações, onde aconteciam as mais importantes solenidades e rituais, já que era a data na qual se encerrava o ciclo das festas.

02 – GRÁFICO EXPOSITIVO DA TAXA DE INCIDÊNCIA DAS DATAS EM QUE AS FESTAS DE SANTA QUITÉRIA FORAM REALIZADAS (1880 – 1931).



Apesar do cristianismo haver dado um caráter mais solene as festas religiosas, atribuindo um calendário com dias dedicados aos santos, na Festa de Santa Quitéria de Frexeiras, é possível que o aspecto determinante da escolha do período para a realização da referida festa seja um resquício das festas do período colonial. Segundo Del Priore (1994, p. 13), as festas coloniais religiosas ou pagãs, por uma tradição advinda de origem europeia, tinham suas celebrações festivas determinadas pelos ciclos das plantações ou das colheitas como forma de reunir a comunidade em torno de um evento para celebrar, agradecer ou pedir por proteção, geralmente se dirigindo a uma divindade protetora da plantação. Portanto, setembro é um mês que sucede as colheitas na região, além do que, é quando inicia a estiagem após o ciclo de chuvas decorrentes do inverno.

Uma outra possibilidade pode ter sido uma vinculação ao dia 07 de Setembro, já que tal dia foi instituído como data oficial para realizar as festividades em comemoração ao Dia da Independência do Brasil. Assim, não se pode descartar a possibilidade de tal data haver influenciado de alguma forma sobre a escolha do período para a realização das festas comemorativas em homenagem a Santa Quitéria em Frexeiras. Pois considerando que a Igreja, durante o governo imperial esteve a ele vinculada e subordinada administrativamente, é possível que a data destinada as comemorações da Santa Quitéria de Frexeiras tenha sido acomodada para coincidir com o importante dia nacional de festividades instituído pelo imperador, pois, apesar da capelinha de Frexeiras não se encontrar vinculada a Igreja, por ter sido fundada por particulares e a eles pertencer, a festa de Frexeiras homenageia uma santa do catolicismo, e durante tal período existia a aproximação dos donos do santuário de Frexeiras com a Igreja, tanto é que os sacerdotes celebravam no local, especialmente durante as festividades em homenagem à referida santa, portanto, não podemos deixar de considerar que vincular a imagem dos proprietários do santuário e os organizadores da festa a tão importante data festiva para o império só traria vantagens, pois de acordo com (Kraay, 2022, p. 4), a proximidade do símbolo da monarquia promovia visibilidade e transmitia demonstração de importância na hierarquia social, e as elites, ávidas por visibilidade e proeminência, aproveitavam-se das comemorações do Sete de Setembro para se aproximar do poder transmitido pelo símbolo da monarquia, e assim, exhibir e demonstrar publicamente a sua posição de importância na hierarquia social.

Um outro aspecto a ser considerado sobre uma possível escolha da data para a realização das festas de Santa Quitéria de Frexeiras, é que o município de Garanhuns fica localizado em uma região onde os invernos são muito frios, ocorrem chuvas intensas, que impactam sobremaneira sobre as estradas que interligam as cidades - à época não pavimentadas

-, portanto, realizar as festividades durante o mês de maio poderia impactar de forma negativa no deslocamento das pessoas para as comemorações, já que naquela região, se trata de um período onde as chuvas ocorrem de forma muito intensa, apesar de ainda não haver iniciado oficialmente a estação de inverno.

Enfim, é possível que o motivo para a escolha da data da festa, em período tão distante do calendário hagiológico, não tenha sido somente um dos supostamente elencados, mas talvez tenha se dado pelo conjunto de vários desses motivos, ou outros mais que não pudemos detectar pelos meios de pesquisa aplicados.

2.8 - Práticas sagradas e profanas na Festa de Santa Quitéria de Frexeiras.

O conhecimento sobre a história da Festa de Santa Quitéria de Frexeiras se encontra imbricado com os elementos e práticas sagradas e profanas que integram o contexto religioso e cultural das festividades em Frexeiras e que foram reveladas através desse processo de pesquisa.

No mundo das crenças religiosas até então conhecidas sempre existiu a discussão sobre a divisão que classifica os elementos e as práticas em dois gêneros distintos, o sagrado e o profano, acerca dos quais criou-se a concepção de que estejam colocados em classes ou gêneros opostos, separados, antagônicos. Em razão disso, foram criadas proibições destinadas a proteção dos elementos sagrados, enquanto que, às práticas e elementos profanos são aplicadas essas proibições, as quais têm o condão de mantê-las afastadas entre si. Mas o fato é que esses dois gêneros inevitavelmente se aproximam, e quando essa comunicação acontece, não é mais possível que conservem uma natureza própria que seja radicalmente distinta e exclusiva (Durkheim, 1990, 67 – 74).

No que diz respeito às festas religiosas não podemos deixar de observar uma estreita ligação que surge entre as naturezas das comemorações, inclusive, a depender do evento, é possível perceber concretamente a mistura que ocorre entre as manifestações sagradas e profanas. Conforme afirma Émile Durkheim (1990, p.456):

[...] a própria ideia de cerimônia religiosa de alguma importância desperta naturalmente a ideia de festa. Inversamente, toda festa, quando, por suas origens, é puramente leiga, apresenta determinadas características de cerimônia religiosa, pois, em todos os casos, tem como efeito aproximar os indivíduos, colocar em movimento as massas e suscitar assim estado de efervescência, às vezes até de delírio que não deixa de ter parentesco com o estado religioso. O homem é transportado fora de si mesmo, distraído de suas ocupações e preocupações ordinárias. Assim, de ambas as partes, observam-se as mesmas manifestações: gritos, cantos, música, movimentos violentos,

danças, procura de excitantes que restaurem o nível vital, etc. Observou-se muitas vezes que as festas populares levam a excessos, fazem perder de vista o limite que separa o lícito do ilícito; o mesmo se dá com as cerimônias religiosas que determinam como que uma necessidade de violar as regras normalmente mais respeitadas.

Importante pontuar que durante o período pesquisado ocorre o avanço do processo de romanização do catolicismo da Igreja Católica, o qual é caracterizado pela postura da Igreja em tentar estabelecer uma separação entre as manifestações sagradas e profanas. O intuito era sacralizar os locais de culto e conter os vícios e os comportamentos impróprios ocorridos durante os eventos festivos dos santos e padroeiros, porém, é possível afirmar que tais aspirações não se concretizaram de forma homogênea e plena, pois continuaram a ser observados os excessos praticados pelos frequentadores dos eventos.

No processo de implementação das medidas para estabelecer esse maior controle sobre os locais de culto, e conseqüentemente sobre os atos e comportamentos indesejáveis ou profanos nesses locais, a Igreja reivindicou o domínio sobre os locais considerados sagrados, tendo reduzido o poder das irmandades e confrarias e aumentado o poder do clero a partir de normas hierarquizadas estabelecidas pela Santa Sé. Entretanto, em relação a Santa Quitéria de Frexeiras, a família proprietária do santuário não cedeu o controle do local e da festa para a Igreja.

Apesar de continuar existindo excessos profanos em todas as festas religiosas, aparentemente onde existe uma maior predominância do culto popular, as atividades profanas também ocorrem de forma mais acentuada, isso em decorrência das próprias características dos elementos envolvidos na cadeia de controle.

Conforme já foi tratado anteriormente, no catolicismo romanizado existe um primor pela padronização de rituais, pela sacralização dos elementos de culto e pela predominância da celebração desses rituais e elementos de culto pelo clero, na forma predeterminada através de uma cadeia hierárquica que é estabelecida a partir da Santa Sé. Às imagens são atribuídos o valor de representação dos santos católicos, da Santíssima Virgem e do próprio Cristo, cuja honra e veneração deve ser dirigida ao santo ou ao próprio Cristo nela representado, nunca aos elementos iconográficos representativos daqueles.

Por outro lado, no catolicismo popular predomina uma verdadeira confusão entre o elemento iconográfico e o próprio santo nela representado, “É como se a imagem tivesse vida: com ela o devoto conversa, a ela oferece flores e velas, enfeita, visita no santuário, leva em procissão e romaria; mas pode também vir a ser punida pelo mesmo devoto quando este se sente desprotegido pelo santo.” (Oliveira, 1997, p. 46).

Outra característica é a prevalente liberdade na manifestação do culto e da oração. Conforme Antoniazzi (1986, p. 8-15):

[...] parece bastante claro que o catolicismo rural tradicional (o de mais de 90% dos brasileiros até o início deste século!) é uma religião com “muita reza, pouca Missa; muito santo, pouco padre”. O que significa: bastante distante da religião “oficial”, de seus ritos, de sua doutrina; mas bastante autossuficiente, de modo que os leigos saibam, eles sozinhos, praticar sua religião.

Mas a Festa de Santa Quitéria de Frexeiras não foi exclusivamente uma festa da religiosidade popular durante todo o período do recorte temporal pesquisado. Na primeira metade da pesquisa são encontrados relatos da participação do clero em suas comemorações. Porém, aparentemente prevalecem as características típicas do catolicismo popular, consistentes numa predominância da liberdade de culto, onde diversos grupos de romeiros, independentemente da classe social ou etnia a que pertencem, adentram no interior do casarão/capela e professam sua devoção mesclando orações próprias do catolicismo romanizado, com outras típicas do culto popular, além da inserção de elementos folclóricos. Assim, os romeiros professam sua devoção entoando cânticos, benditos e orações improvisadas, com a inserção, inclusive, de músicas e danças populares, a exemplo do reisado. Já em outros momentos, participam dos rituais romanizados que são celebrados pelo clero, ocorrendo uma perfeita fusão entre as práticas sagradas e profanas, inclusive nos momentos de culto.

Noutro contexto, em relação a parte lúdica da festa, foram encontrados registros da realização de cavalgadas durante o dia. Já ao avançar da noite os frequentadores se entregavam ao delírio do samba que era cantado ao som compassado da clássica viola, pelos poetas populares que entoavam suas trovas à desafio; além das tradicionais barracas que comercializavam guloseimas, bolacha, bolo, cocada, arroz doce, cidras, capilés, gengiberras e outros refrigerantes, além das bebidas alcoólicas típicas da época, como a genebra, o vinho do Porto e o aguardente; enquanto outros se entregavam as jogatinas, onde apostavam dinheiro nos jogos de roleta, dados, baralhos, etc

A forma como Émile Durkheim (1990, p.456), aborda o conhecimento sobre a ideia das festas e das cerimônias religiosas, do imbricamento entre elas, ressaltando que na origem ambas guardam em suas naturezas, características dos seus opostos, já que ambas têm como efeito aproximar os indivíduos e colocar as massas em movimento. Mas também sobre a perda do limite humano para separar o lícito do ilícito, que ocorre como se fosse uma necessidade do homem em violar regras. São percepções que auxiliam na compreensão daquilo que se verifica

nas práticas sagradas e profanas no contexto da característica popular ou leiga da Festa de Santa Quitéria de Frexeiras.

2.9 – Os ex-votos e a Festa de Santa Quitéria de Frexeiras.

Os ex-votos que compõem o cenário místico do santuário de Santa Quitéria de Frexeiras, se constituem em elementos da cultura religiosa popular que são indispensáveis de serem estudados para melhor conhecer a história da Festa de Santa Quitéria de Frexeiras.

Inicialmente precisamos compreender que a ideia de milagre e do ex-voto possui profunda ligação com as práticas do catolicismo popular desenvolvidas nos ambientes dos santuários, que partem das verdades fundadas nas questões práticas da vida, dessa forma, contrapostas ao caráter eminentemente espiritual decorrente das práticas que eram trabalhadas no catolicismo romanizado. Conforme Hoornaert (1977, p. 400 - 401):

O santuário conserva uma força que nenhum “poder moderador” consegue captar, precisamente porque o poder moderador parte do desconhecimento da verdade popular, enquanto o santuário exprime exatamente esta verdade. Ora, a verdade popular é a de sua pobreza, marginalização, doença. A motivação que reúne os romeiros em torno dos santuários parece muito “material” aos olhos dos detentores do poder, que teriam muito gosto em poderem “espiritualizar” a vida nos santuários. Contudo, o povo continua a procurar a saúde, o sucesso numa operação, num exame, num emprego, no casamento. A romaria procura antes de tudo resolver problemas materiais, enquanto a vida sacramental da instituição procura resolver problemas “espirituais”.

O que fundamenta o ex-voto cristão é o milagre, sendo assim, toda oferta votiva representará que se cumpriu o acordo firmado entre a divindade e o devoto, que a graça foi alcançada e é importante que ela seja revelada ao conhecimento dos cristãos e contribua para divulgar a força e o poder que o santo possui. De acordo com o jornalista, teólogo e filósofo, Luís Erlin Gomes Gordo:

O ex-voto é uma manifestação cultural enraizada na tradição greco-romana, configurando um “acerto de contas” de natureza mística. Trata-se em verdade de “transação simbólica”, cuja operação inicial transcorre no âmbito privado – o pedido feito e a promessa negociada – mas que se torna público quando (e se) houver o atendimento da súplica. Nesse momento, o milagre é anunciado por meio de *penitências* ou sinais que explicitam a graça alcançada (Gordo, 2015, p. 15).

Acrescenta a historiadora Julita Scarano, que essa exposição tem a função de comunicar aos demais membros da comunidade que se um deles alcançou uma graça, qualquer deles que confiar e tiver fé na divindade também poderá alcançar um favor dos Céus. “... o ex-voto divulga a fé, a crença no poder de Deus e na oração e é visto como algo que aumenta o fervor de toda a comunidade” (Scarano, 2004, p. 37).

A relação da promessa se dá em dois momentos. O primeiro surge do acordo firmado pela fé entre o fiel e a divindade com a qual se dirigiu em oração, nela ficam estabelecidos os termos que o fiel deverá cumprir após alcançar a graça. Via de regra é algo individual, feito na intimidade, brota da fé de quem almeja receber a graça e é feito ou dirigido a quem tem o poder de concedê-la. No segundo momento, após a graça alcançada e o milagre realizado surge a exteriorização, a divulgação do milagre, o testemunho junto à comunidade na forma dos ex-votos. Nessa segunda etapa, o ex-voto ainda cumpre a função de concluir a comunicação entre o devoto e a divindade.

A comunidade dos fiéis é capaz de LER a mensagem contida nos ex-votos. Ela faz parte do código católico e, formal ou informalmente, a população circundante dela tem conhecimento. É capaz, inclusive, de identificar do que se trata, mesmo que o ex-voto represente apenas uma pequena parte do corpo humano” (Scarano, 2004, p. 37).

De acordo com Luís Erlin Gordo, a palavra ex-voto tem origem no latim “*Ex*” e “*Votum*”, que juntas, era uma prática votiva na antiga Roma. *Votum* (singular), *vota* (plural), significa uma promessa ou um voto feito a uma divindade. Criada pelos romanos, nasce com um cunho estritamente religioso, pois significava as promessas que eram feitas aos deuses. O *Votum* decorre do particípio do passado do verbo latino *voveo* – *vovere*, que também tem o significado de “voto”, prometer, dedicar algo a alguém (Gordo, 2015, p. 31; Gordo, 2019, p. 75). A primeira imagem religiosa utilizada pela Igreja sobre a qual se tem notícia, foi doada na forma de votos pela família imperial romana à igreja de Blachernae, no século VI (Belting, 2010, p. 179).

Acrescentamos ainda, que “A locução latina *ex voto* significa *pela graça* recebida em seu sentido lato. Assim, a *intenção* do ex-voto (usando o sentido escolástico do termo) é o pagamento de algo que foi recebido” (Scarano, 2004, p. 36).

O ex-voto resulta de um processo pelo qual o fiel ao se encontrar diante de uma dificuldade, estabelece uma comunicação com a divindade com a qual tem uma relação de crença e de fé, buscado dela a intercessão pelo socorro ou auxílio dos céus. Então, tendo o seu pedido atendido e a graça ou o milagre alcançado, estará o devoto envolvido no compromisso

de agradecer a divindade, o qual o faz na forma de uma oferta material simbólica, que no geral representa o bem ou o favor que foi obtido. Essa comunicação com a divindade surge da promessa de entregar algo como retribuição e agradecimento por um pedido que venha a ser concedido pela divindade, assim, o ex-voto é o cumprimento ou o pagamento de uma promessa.

Conforme o doutor em Comunicação e Cultura Contemporânea, José Cláudio Alves de Oliveira, o surgimento dos ex-votos no Brasil não tem um marco definitivo e concreto, entretanto:

Um modelo provável do ex-voto é o emblema, gênero composto de imagem e discurso e que passou a circular a partir de 1531 com a edição de *Emblemata*, de Andrea Alciato. No emblema, uma imagem chamada “corpo”, é posta em relação com um discurso chamado “alma”. No ex-voto, encontramos uma relação semelhante à do corpo/alma do emblema: a imagem pintada é uma cena composta como memória de um evento milagroso em que uma força sobrenatural representada por um santo, pela Virgem maria ou Jesus Cristo, às vezes pelo Espírito Santo, interveio, alterando o estado desesperado de um doente com a Graça Divina da cura. Abaixo, uma inscrição comenta a imagem, fornecendo elementos que identificam o agraciado e as circunstância em que se deu o milagre. Posto no espaço público da igreja em agradecimento e memória do bem recebido, o ex-voto integra-se aos outros, que repetem o mesmo sentido providencial como exemplo e reforço da fé. O ex-voto testemunha, desse modo, uma concepção particular da temporalidade: o fiel crê em Deus como Causa Primeira e Final da história (Oliveira, 2017, p. 58).

Existem diversas teses sobre como originou-se os ex-votos no Brasil, entretanto o que pode ser afirmado é que se trata de um objeto da devoção e que ingressou no Brasil por intermédio dos navegantes portugueses, que tradicionalmente tinham nessa forma de expressão a possibilidade de agradecer ao santo de sua crença pelo fato de haverem sobrevivido aos desafios do mar durante suas aventuras a caminho do Brasil (Oliveira, 2017, p. 58).

Já no santuário de Santa Quitéria de Frexeiras, é possível que os ex-votos façam parte da história do local desde o seu surgimento, pois desde o início do período pesquisado que os documentos de jornais que retratam as festividades já faziam referências ao grande acervo de ex-votos que lá existia. A publicação do jornal Diário de Pernambuco (02 out. 1884, p. 2), ao publicar uma matéria sobre a Festa de Santa Quitéria de Frexeiras acontecida naquele ano, faz a seguinte consideração: “O que há de notável nela é uma grande e variada coleção dos milagres feitos pela gloriosa Santa que existe na sacristia de sua interessante capelinha.” Notadamente, a expressão coleção de milagres está fazendo referência ao grande número de ex-votos que recobria as paredes e preenchia todo o interior do casarão/capela, pois conforme Oliveira (2017, p. 59), na tradição portuguesa os ex-votos são conhecidos apenas por “milagres”, e transmitem a ideia de “promessa”, cuja fé é materialmente representada. O fiel em algum momento estabeleceu uma comunicação com o santo, buscando a intercessão dele com Deus, e foi nessa

relação entre o homem e o sagrado, que firmou a promessa de materializar em forma de ex-voto o agradecimento pela graça que venha a alcançar do Alto.

Cada santo ou grupo de santos são invocados de acordo a situação, pois a ele é atribuído, via de regra, o poder de cura ou proteção específica. No tocante à Santa Quitéria são atribuídos os poderes de proteção e cura de pessoas angustiadas e deprimidas, além de proteção contra mordida de cachorro e raiva do gado, mas a ela têm sido feitas promessas por pedidos das mais diversas ordens e atribuídos milagres que foram alcançados nos mais diversos aspectos da vida humana.

No contexto dos ex-votos depositados nos santuários, é possível enxergar denúncias que podem revelar verdadeiras tragédias. As imagens de crianças e adultos curados de doenças, mostram que a saúde pública, em determinados momentos do curso da história, não cumpriu com o seu papel de forma eficaz, em especial na região Nordeste. O grande número de esculturas de braços, pernas, cabeças e tantos outros membros depositados, além de inúmeras fotografias de sobreviventes dos males que afetaram a saúde, servem para denunciar como se comportou o atendimento à saúde ao longo do tempo.

Relativamente a representação mística encontrada nas imagens dos santos, que por analogia estendemos aos ex-votos, é valioso anotar o pensamento expressado por Durkheim, (1990, p. 55):

Certamente quando os vemos atribuir a objetos insignificantes virtudes extraordinárias, povoar o universo com princípios singulares, constituídos dos elementos mais absurdos, dotados de uma espécie de ubiquidade dificilmente imaginável, facilmente encontramos nessas concepções um ar de mistério.

Logo, dentre todas as atividades e elementos que fazem parte do contexto religioso e cultural da Festa de Santa Quitéria de Frexeiras, os ex-votos aparentemente são aqueles que mais contribuem para a formação da aura mística da festa e do santuário, e se constituindo em representações dos milagres, nas suas mais variadas formas, contribuem para uma tradição do santuário que é reavivada diariamente pelos devotos da virgem mártir.

3. DISCUSSÃO SOBRE O PRODUTO

O produto que resultou desta pesquisa se trata de um livro de divulgação científica, cuja proposta é divulgar a história da Festa de Santa Quitéria de Frexeiras, narrando a versão provável das dinâmicas e práticas festivas religiosas e profanas, além de uma abordagem sobre alguns temas circundantes e conexos relacionados a origem e ao desenvolvimento do referido evento festivo alcançados pelo recorte temporal 1880-1931.

O alvo que o produto pretende alcançar com a proposta de um livro de divulgação científica é o público em geral. Portanto, o objetivo perseguido foi uma produção cuja escrita apresente uma linguagem simples e fluida que favoreça a compreensão pelos leitores dos mais diversos níveis de conhecimento.

Valioso destacar que o mestrado profissional (MP), constitui uma modalidade diferenciada no nível de pós-graduação *stricto sensu*, pois prioriza a promoção do conhecimento de pesquisa científica aos profissionais atuantes em suas respectivas áreas de atuação, visando assim, impulsionar uma melhoria na articulação entre universidade e a sociedade.

Os MP's encontram regulamentação na Portaria CAPES 60/2019, a qual considera, dentre as várias condições adequadas para uma pós-graduação *stricto sensu* estar inserida na categoria do mestrado profissional, a relevância social, científica e tecnológica dos processos de formação profissional, além da necessidade de estreitar as relações das instituições de ensino e de pesquisa com os mais diversos setores públicos ou privados de atuação profissional.

Quanto aos objetivos estabelecidos pela Portaria CAPES 60/2019 para os MPs, ressaltamos a necessidade de transferência de conhecimento para a sociedade de forma a atender às demandas sociais e econômicas, com vistas ao desenvolvimento nacional, regional e local. Quanto ao trabalho de conclusão, a referida portaria regulamenta que cada programa de MP deverá indicar os respectivos formatos, porém, vejamos que ele deve atender a essa necessidade de estreitar a relação entre as instituições de ensino e pesquisa e a sociedade,

Cumprir destacar que a exigência da apresentação de um produto no âmbito de um curso de pós-graduação *stricto sensu* é uma peculiaridade do MP, tendo em vista consistir no meio adequado para promover a aplicabilidade da pesquisa e estabelecer essa articulação entre a universidade e a sociedade.

Com relação ao Programa de Pós-Graduação em História - PPGH – mestrado profissional/UNICAP, que é voltado para o aprofundamento da formação profissional e científica adquirida na graduação, e no qual consta dentre os seus objetivos específicos:

Formar profissionais capacitados para desenvolver pesquisas inovadoras que busquem criar produtos para a área do ensino da história e da proposição e operacionalização de políticas públicas voltadas à conservação dos patrimônios histórico, artístico e cultural das comunidades municipais (Portal UNICAP, 2024).

Deve-se encorajar e orientar os mestrados a realizarem pesquisas científicas, cujos produtos finais tenham aplicabilidade prática e que sejam capazes de transpor os muros da academia. Por outro lado, a relação do mestrado com o produto deverá ocorrer sob esse mesmo prisma, visando a sua aplicabilidade, promoção e a divulgação pública das produções, de forma que os produtos finais alcancem a sociedade por meio de uma comunicação integradora e eficiente.

Nas palavras de Negret (2009, p. 143):

[...] a identidade dos mestrados profissionais não está somente determinada pela sua área temática, mas, fundamentalmente, pelo enorme desafio de integrar com rigor a pesquisa no seu processo de desenvolvimento e conseguir a aplicabilidade dos resultados para transformar a realidade estudada. Esse desafio, que significa o verdadeiro sentido da universidade, implica a inserção dos MP no âmbito da sociedade [...]

Na esteira dos objetivos dos MP's, de estabelecer um processo de pesquisa que aproxime a universidade da sociedade, através de produtos de pesquisa que possuam aplicabilidade prática e abrangência social, faremos uma breve abordagem sobre a importância da história pública no que toca aos produtos frutos das pesquisas científicas desenvolvidas no âmbito dos PPGH's - mestrados profissionais.

De acordo com o historiador Ricardo Santhiago, podemos compreender a história pública como um movimento em franca expansão, evidenciado como uma das formas de reflexão sobre as múltiplas relações de aproximar a história de seus públicos (Santhiago, 2018, p. 287-288).

A compreensão da história pública não se resume ao processo de publicidade ou divulgação de qualquer tipo de conhecimento histórico, por aqueles que adotam modelos participativos de construção do saber e questionam de maneira inventiva qualquer tipo de monopólio sobre o passado. Pois, mesmo que a história pública seja convocada para dominar iniciativas de instrução vinculadas a instrumentos ou habilidades práticas, construindo os mais diversificados produtos, sejam livros, páginas na internet, jogos de tabuleiro, games digitais, aplicativos, videodocumentários, etc., tais produções feitas por meio de parcerias com cursos de comunicação, auxiliados por estagiários advindos de áreas como artes, cinema ou

jornalismo, mas dissociados da pesquisa, da extensão e do ensino, não cumpre com os requisitos necessários para que essas produções estejam alocadas no campo da história pública (Santhiago, 2018, p. 288 – 298).

Portanto, produzir conhecimento histórico para divulgação e aplicabilidade prática perante a sociedade, exige o trabalho do historiador, pois não prescinde das técnicas e dos métodos de pesquisa que são oferecidos no âmbito acadêmico, nem de todo o processo e etapas necessárias a construção do conhecimento histórico, especialmente a submissão do produto da pesquisa ao escrutínio dos pares.

Por conseguinte, consentimos que um livro de divulgação científica no formato tal como está apresentado, atende plenamente a exigência do MP, pois no contexto da história pública, tem a capacidade de promover, transferir, divulgar e disseminar, para além dos muros da academia, o conhecimento científico historiográfico produzido por meio de pesquisa científica devidamente submetida a todas as etapas do processo acadêmico, especialmente a orientação, submissão a avaliação pelos pares.

4. APRESENTAÇÃO DO PRODUTO

O produto será apresentado sob o formato de um livro de divulgação científica, composto de três capítulos e disponibilizado inicialmente sob a forma de um e-book. Será dirigido ao público em geral, para tanto se buscou trabalhar uma linguagem acessível, apresentando uma capa com visual chamativo e impactante, e um conteúdo trabalhado de maneira a ofertar uma linguagem fluida e palatável, que mescla o texto escrito com a inserção de fartos elementos iconográficos correlatos aos temas narrados.

O primeiro capítulo traz o título: Aspectos históricos gerais sobre São João, Garanhuns e o povoado de Frexeiras. Nele foi feita inicialmente uma exposição para o leitor das localidades e do santuário onde se desenvolvem as narrativas que serão apresentadas no curso do trabalho, cujas exposições constam dos itens 1.1 - Relação territorial do povoado de Frexeiras com os municípios de São João e Garanhuns; e 1.2 - Características gerais do santuário de Santa Quitéria de Frexeiras. Nesses itens as informações escritas são complementadas por imagens e pelo mapa indicativo dos municípios de São João e de Garanhuns, além de um outro mapa especificando o posicionamento atual do povoado de Frexeiras, inclusive com uma imagem capturada por satélite que permite visualizar sob perspectiva o tamanho do vilarejo e a sua posição entre as propriedades rurais e os loteamentos imobiliários que avançam em sua direção.

Já nos itens seguintes desse capítulo: 1.3 - Aspectos sobre a economia do povoado de Frexeiras e da cidade de Garanhuns; e 1.4 - Impactos econômico-sociais da Festa de Santa Quitéria de Frexeiras; é feita uma apresentação das características econômicas existentes na então freguesia de Garanhuns, a produção econômica essencialmente com esteio na agricultura e na pecuária; os avanços econômicos decorrentes da construção da linha férrea, impactando sobre novas alternativas econômicas, inclusive no setor do turismo, com estímulo à construção de hotéis e hospedarias, em especial o turismo religioso relacionado a Festa de Santa Quitéria de Frexeiras.

Ao final desse capítulo apresentamos um quadro sob o título: Conheça mais sobre Garanhuns, onde nos reportamos especialmente a alguns avanços ocorridos na educação e na saúde da cidade de Garanhuns, durante o recorte temporal pesquisado, informando sobre o surgimento de importantes instituições públicas e privadas de ensino, além de uma instituição de saúde particular, mas que também ofertava vagas pelo serviço público. Tal quadro não foi exposto de forma gratuita, as informações lá alocadas contribuem para compreender um pouco sobre as condições sociais da época, tanto no setor da educação e do conhecimento, quanto no campo da saúde, tendo em vista, que tais áreas do conhecimento produzem impactos sobre a

forma como os aspectos relacionados a fé se desenvolvem na cultura da comunidade. Senão vejamos, o santuário e a Festa de Santa Quitéria de Frexeiras ganham notoriedade em razão dos milagres, em sua grande maioria relacionados a saúde, enquanto que, os dados apresentados no que concerne a esse aspecto, demonstram um quadro de enorme escassez de profissionais e vagas para atendimento em saúde da população naquele período, especialmente no interior do estado, mesmo após a instalação do IMCG/Sanatório Tavares Correia e dos demais postos de saúde que já existiam na região. Assim, diante daquela conjuntura, é compreensível que a população recorresse com maior intensidade a fé e as crendices como último meio de obter curas.

O segundo capítulo é apresentado através do título: As origens da Santa Quitéria, do santuário de Frexeiras e da festa dedicada à virgem mártir. Como o próprio título sugere, são desenvolvidas narrativas sobre as origens. Tais narrativas são apresentadas sob dois tópicos. O primeiro é o item 2.1 - A capelinha de Frexeiras: uma herança do catolicismo popular do período colonial. Nele discorremos inicialmente sobre a provável origem do santuário e da Festa da Santa Quitéria de Frexeiras; são apresentadas as possíveis versões que sugerem a origem da capelinha de Santa Quitéria em Frexeiras, o início das peregrinações ou romarias, e, conseqüentemente a festa alusiva a referida santa; algumas delas de cunho lendário, mas que fazem parte da crença e do imaginário popular; outras que apresentam correlação com os fatos históricos, porém, todas necessárias de serem contadas, pois integram um contexto místico e lendário que circunda a existência do santuário e da Festa de Santa Quitéria de Frexeiras.

A narrativas seguem no item 2.2 - Santa Quitéria: um símbolo religioso de origem mística e lendária; onde é apresentada uma abordagem de maior carga teórica, pela qual se trabalha o conhecimento sobre a origem dos santos e do uso das imagens no âmbito da Igreja Católica. Na continuação aborda a origem da Santa Quitéria de Bracara Augusta, cuja imagem trazida de Portugal é o ícone que simboliza a popular Festa de Santa Quitéria de Frexeiras, mantendo uma abordagem concentrada na versão que indica a sua origem em Portugal, tendo em vista que algumas versões da história da imagem existente no santuário de Frexeiras informam que ela foi trazida para o Brasil por meio de um imigrante português, ancestral da família Guilherme da Rocha, proprietária do santuário. No encerramento do capítulo são apresentados vários locais no Brasil e no mundo, onde também são celebradas festas em homenagem a Santa Quitéria.

O terceiro capítulo é intitulado: A Festa de Santa Quitéria de Frexeiras: dinâmicas, mística e disputas. Nele as narrativas estão distribuídas em sete tópicos e destinam uma maior atenção aos aspectos voltados aos desdobramentos da festa e do seu entorno: as dinâmicas

espaciais e comportamentais; as práticas religiosas e profanas, a mística que conduz o romeiro a transitar entre o culto popular e o romanizado; a disputa que ocorreu entre a diocese e a família proprietária do santuário; e, encerra com uma abordagem sobre os ex-votos.

O primeiro é o item 3.1 - As festas religiosas transformando os espaços para a promoção da devoção e do divertimento. Nele estão as narrativas acerca da reforma realizada para melhoramentos do casarão/capela de Santa Quitéria, porém, a maior importância é dada à análise das transformações efêmeras que aconteciam anualmente nos espaços do santuário e do vilarejo para acolher os romeiros e promover o efeito de esplendor que fazia parte da tradição das festas religiosas do período; mas também, visando acolher os visitantes que participariam dos eventos lúdicos ou profanos da referida festa.

No item 3.2 - Particularidades sobre a data da Festa de Santa Quitéria de Frexeiras; é feita uma discussão sobre os possíveis motivos que levaram a escolha do mês de setembro para a realização da Festa de Santa Quitéria em Frexeiras, tendo em vista que ela ocorre em data diferente da indicada no hagiológico português, o qual atribui o dia 22 de maio como a data em que ela deve ser celebrada, haja vista ser o dia atribuído ao seu martírio.

Em seguida vem o item 3.3 - A dinâmica da Festa de Santa Quitéria de Frexeiras: o sagrado e o profano em conexão. Nele as narrativas são apresentadas acerca das práticas festivas de cunho religioso e profano, as quais, integravam as comemorações em homenagem a Santa Quitéria. Muitas eram práticas não ofensivas a fé e aos comportamentos exigidos pela igreja, como foguetórios, apresentações de elementos da cultura popular, porém, outras causavam contrariedade aos membros do clero, como os vícios e a violência, entretanto inevitavelmente causavam uma mistura com o avançar dos festejos.

Item 3.3.1 - Encontro de festas religiosas: uma fusão entre o culto oficial e as práticas religiosas populares. Esse tópico apresenta uma aparente continuidade do item anterior, pois são narradas práticas e acontecimentos que ocorrem durante o mesmo ciclo das comemorações festivas, onde se misturam elementos, rituais e práticas típicas do catolicismo romanizado, a exemplo das missas e novenas, com práticas comuns ao catolicismo popular, a exemplo das apresentações dos grupos de reisados, dançando e entoando versos e cantigas de exaltação a santa protetora no interior da capela, sendo que, essas últimas práticas adquirem um aparente aspecto de sacralidade sob a percepção dos praticantes.

Já o item 3.3.2 - A dinâmica das práticas profanas na Festa de Santa Quitéria de Frexeiras. Apresenta ao leitor as narrativas sobre o desdobramento das práticas profanas que aconteciam no decorrer das festividades em Frexeiras. Nesse contexto é feita uma separação entre algumas práticas, que apesar de serem consideradas profanas, eram aceitáveis e até

integravam os rituais sagrados, a exemplo do foguetório; daquelas consideradas essencialmente profanas, reprováveis ou não pela Igreja; nelas estão inseridas as diversões acompanhadas das músicas, comidas e bebidas, as danças, as cavalgadas, etc.

O item 3.4 - Disputas pela Festa de Santa Quitéria de Frexeiras; aborda a questão da disputa que existiu entre a diocese de Garanhuns e os membros da família proprietária do santuário, pelo controle da imagem da santa e da Festa de Santa Quitéria, mas especificamente no contexto da romanização do catolicismo, período em que a Igreja reivindicava o controle sobre os locais considerados sagrados, tendo reduzindo o poder das irmandades e confrarias e aumentando o poder do clero a partir de normas hierarquizadas estabelecidas pela Sé Católica. Também são relatados episódios de suposta utilização do santuário de Frexeiras para explorar a fé dos romeiros com fins de obter vantagens financeiras; a elevação de Garanhuns a condição de diocese; findando o capítulo com o ápice da disputa acima narrada, expondo o episódio em que o governador diocesano de Garanhuns emite portaria proibindo os membros do clero de celebrar missas na capela de Santa Quitéria de Frexeiras.

Finda o capítulo com o item 3.5 - Ex-votos de Santa Quitéria: representação de fé e comunicação com o divino. Nele discorremos sobre os ex-votos que integram o cenário místico do santuário de Santa Quitéria de Frexeiras, com uma abordagem sobre as origens dos ex-votos; a importância e a existência deles de forma mais expressiva no âmbito do catolicismo popular ou leigo; o uso das promessas como meio de auxiliar e até mesmo substituir os tratamentos de saúde; além da exposição de várias imagens de ex-votos, em especial várias tábuas votivas que demonstram o uso da fé pelos romeiros para pedir pelos mais diferenciados bens e interesses da vida humana.

5. APLICAÇÃO DO PRODUTO

Vejam os que o tema abordado investiga a Festa de Santa Quitéria de Frexeiras, um povoado localizado no interior do estado de Pernambuco, que apesar de se tratar de um santuário religioso de grande importância no cenário da cultura religiosa popular, seja no recorte temporal pesquisado, seja no tempo presente, foi observado durante o processo de desenvolvimento da pesquisa, que até então poucos trabalhos foram desenvolvidos para registrar documentalmente as memórias daquele evento e local.

Portanto, a proposta de apresentar o produto final dessa pesquisa sob a forma de um livro de divulgação científica, tem como objetivo fazer com que esse material possa alcançar o maior número possível de leitores, desde os leigos que apenas têm curiosidade sobre a festa e o lugar, quanto àqueles que desejarem pesquisar por referências para subsidiar novas pesquisas.

Assim, o livro poderá ser disponibilizado inicialmente no formato on-line e de forma gratuita, na biblioteca da UNICAP, bibliotecas e escolas públicas e privadas das cidades de Garanhuns e São João, que demonstrem interesse pelo tema e pelo produto apresentado. Já em um segundo momento, poderá ser apresentado sob o formato impresso com distribuição gratuita nos mesmos locais indicados para a distribuição em formato on-line, além de cópia disponibilizada ao Museu de Cultura Popular e Ex-votos Maria das Graças – Frexeiras – São João-PE. Em qualquer das hipóteses, contribuirá enriquecendo o conhecimento e a discussão sobre o tema das festas no âmbito da religiosidade popular.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Decorridos longos meses desenvolvendo esse árduo, mas profícuo trabalho de pesquisa científica, tendo sob análise o tema: “A Festa de Santa Quitéria de Frexeiras”, uma festa religiosa que alcançou notoriedade no âmbito do catolicismo popular, principalmente pelas romarias e pelo rico acervo de ex-votos existentes no santuário religioso localizado no vilarejo de Frexeiras, apresentaremos algumas breves considerações.

Após as fontes pesquisadas proporcionarem adentrar no contexto da Festa de Santa Quitéria de Frexeiras, foi possível conhecer as celebrações religiosas e as práticas profanas que integravam o roteiro da festa que era realizada anualmente naquele vilarejo durante o recorte temporal pesquisado.

Verificou-se se tratar de uma festa, que durante a primeira metade do período pesquisado, acontecia através da mistura de celebrações, conciliando às típicas do catolicismo popular, sem apego a regras e rituais predefinidos, inclusive inserindo elementos culturais nas comemorações de cunho religioso, com aquelas decorrentes do catolicismo romanizado, celebradas através de membros do clero, a exemplo das missas e das procissões.

Já na segunda metade do período da pesquisa, verificou-se que em razão do contexto do avanço do processo de romanização do catolicismo, a Igreja Católica ampliou seu poder de controle sobre os leigos organizados em irmandades, instituiu ações para sacralizar os locais de culto, visando moralizar o clero e reforçar a estrutura hierárquica da Igreja. Essas mudanças ensejaram uma aparente disputa entre a diocese de Garanhuns e os proprietários do santuário, pelo controle da Festa de Santa Quitéria, a partir daí a relação entre eles vai se deteriorando, até que culmina numa determinação do governo diocesano pela proibição do clero de celebrar missas na capelinha de Frexeiras durante as festas dedicadas a Santa Quitéria.

No contexto das práticas profanas, foram abordadas as formas de diversão, entretenimento e lazer praticadas pelos romeiros e demais participantes das festividades, além das práticas de cunho profano acontecidas no âmbito do catolicismo popular.

Por fim, as narrativas abordam os ex-votos, elemento histórico de grande importância no contexto da Festa de Santa Quitéria de Frexeiras, os quais contribuem com o cenário místico do santuário de Frexeiras e denunciam por meio das suas representações simbólicas, as diversas dificuldades enfrentadas pelos romeiros, os quais encontram nos pedidos por milagre a virgem mártir, o último refúgio para a cura dos diversos males que afligem as suas vidas.

7. LISTAGEM DOS ACERVOS E FONTES

7.1 IMAGENS (DO PRODUTO)

Figura 01 – Mapa das localizações dos municípios de São João e de Garanhuns – PE. **Fonte:** elaborado por Hilo Soares Bezerra de Sá Peixoto, 2023.

Figura 02 – Mapa da localização do povoado de Frexeiras - São João-PE. **Fonte:** elaborado por Hilo Soares Bezerra de Sá Peixoto, 2023.

Figura 03 – Visão parcial do povoado de Frexeiras (visão do trecho da rua onde está localizado o casarão colonial que abriga a capela com a Imagem da Santa Quitéria). **Fonte:** acervo pessoal do autor.

Figura 04 – Fachada atual do casarão que abriga a capelinha da Imagem da Santa Quitéria. **Fonte:** acervo pessoal do autor.

Figura 05 – Salão dos milagres do santuário de Frexeiras. **Fonte:** Anna Terra. Disponível em: <<http://ideiasdefimdesemana.com/santa-quiteria-das-frexeiras/>>. Acesso em: 16 jul. 2023.

Figura 06 – Salão dos milagres do santuário de Frexeiras. **Fonte:** Anna Terra. Disponível em: <<http://ideiasdefimdesemana.com/santa-quiteria-das-frexeiras/>>. Acesso em: 16 jul. 2023.

Figura 07 – Altar com a Imagem da Santa Quitéria. **Fonte:** Renan Quevedo. Disponível em: <https://www.instagram.com/p/Bei_j5-IHVk/?img_index=4>. Acesso em: 16 jul. 2023.

Figura 08 - Velário do santuário de Santa Quitéria de Frexeiras. **Fonte:** site descanso para a loucura. Disponível em: <<http://www.descansoploucura.top/2012/09/festa-st-quiteria-de-frexeiras-pe.html>>. Acesso em: 16 jul. 2023.

Figura 09- Fachada, hall de entrada e placa de inauguração do Museu de Cultura Popular e Ex-votos Maria das Graças. **Fonte:** Compilação do autor. Montagem a partir de imagens pertencentes ao acervo pessoal do autor.

Figura 10 – Amostra do acervo do Museu de Cultura Popular e Ex-votos Maria das Graças. **Fonte:** Compilação do autor. Montagem a partir de imagens pertencentes ao acervo pessoal do autor.

Figura 11 – Usina Garanhuns (Companhia Industrial de Algodão e Óleos). **Fonte:** Revista da Cidade, Recife, nº 86, 14 jan. 1928, p. 37. Disponível em: <http://www.dominiopublico.gov.br/pesquisa/DetalheObraForm.do?select_action=&co_obra=41881>. Acesso em: 12 set. 2023.

Figura 12 – A mó, o pilão e o cacete. **Fonte:** Revista da Cidade, Recife, nº 86, 14 jan. 1928, p. 33. Disponível em: <http://www.dominiopublico.gov.br/pesquisa/DetalheObraForm.do?select_action=&co_obra=41881>. Acesso em: 12 set. 2023.

Figura 13 – Estação ferroviária de Garanhuns. **Fonte:** Estações ferroviárias do Brasil. Disponível em: <<http://www.estacoesferroviarias.com.br/pernambuco/garanhuns.htm>>. Acesso em: 12 set. 2023.

Figura 14 – Fachada do Hotel e Hospedaria Motta - Garanhuns-PE. **Fonte:** Comissão Memorial do Centenário. Blog Hecatombe de Garanhuns. Disponível em: <<http://hecatombedegaranhunscom.blogspot.com/2016/06/tunel-do-tempo-do-tempo-e-hospedaria.html>>. Acesso em: 12 jul. 2023.

Figura 15 – Instituto Médico Cirúrgico de Garanhuns. **Fonte:** Iba Mendes Pesquisas. Disponível em: <<http://www.ibamendes.com/search/label/GARANHUNS%2FPE>>. Acesso em: 12 set. 2023.

Figura 16 – Sanatório Tavares Correia. **Fonte:** IBGE. Disponível em: <<https://cidades.ibge.gov.br/brasil/pe/garanhuns/historico>>. Acesso em: 12 set. 2023.

Figura 17 – Sanatório Tavares Correia. **Fonte:** IBGE. Disponível em: <<https://cidades.ibge.gov.br/brasil/pe/garanhuns/historico>>. Acesso em: 12 set. 2023.

Figura 18 – Propaganda do Instituto Médico Cirúrgico de Garanhuns - IMCG. Diário de Pernambuco, 12 de fevereiro de 1932, edição 34, p. 5. **Fonte:** Hemeroteca Digital. Disponível em: <https://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=029033_11&pesq=%22tavares%20correia%22&hf=memoria.bn.br&pagfis=5590>. Acesso em: 12 set. 2023.

Figura 19 – Colégio XV de Novembro. **Fonte:** Iba Mendes Pesquisas. Disponível em: <<http://www.ibamendes.com/search/label/GARANHUNS%2FPE>>. Acesso em: 12 set. 2023.

Figura 20 – Colégio Santa Sofia. **Fonte:** Revista da Cidade, Recife, nº 86, 14 jan.1928, p. 42. Disponível em: <http://www.dominiopublico.gov.br/pesquisa/DetalheObraForm.do?select_action=&co_obra=41881>. Acesso em: 12 set. 2023.

Figura 21 – Colégio Diocesano de Garanhuns (antigo Gymnasio de Garanhuns). **Fonte:** Revista da Cidade, Recife, nº 86, 14 jan. 1928, p. 45. Disponível em: <http://www.dominiopublico.gov.br/pesquisa/DetalheObraForm.do?select_action=&co_obra=41881>. Acesso em: 12 set. 2023.

Figura 22 – Capelinha com a imagem da Santa Quitéria. **Fonte:** Renan Quevedo. Disponível em: <<https://novosparanos.com.br/post/170276829096/ol%C3%A1-pernambuco-que-prazer-estar-aqui-mais-uma>>. Acesso em: 16 jul. 2023.

Figura 23 – Santa Quitéria e suas oito irmãs, santuário de Santa Quitéria, Felgueiras. **Fonte:** Cultura – Revista de História e Teoria das Ideias, Lisboa, v. 27, 2010, p. 156. Disponível em: <<http://hdl.handle.net/10362/127360>>. Acesso em: 15 abr. 2023.

Figura 24 – Santa Quitéria com o pergaminho. Capela 6 do santuário de Santa Quitéria, Felgueiras. **Fonte:** Cultura – Revista de História e Teoria das Ideias, Lisboa, v. 27, 2010, p. 161. Disponível em: <<http://hdl.handle.net/10362/127360>>. Acesso em: 15 abr. 2023.

Figura 25 – Santa Quitéria. Sorihuela del Guadalimar (Espanha). **Fonte:** Cultura – Revista de História e Teoria das Ideias, Lisboa, v. 27, 2010, p. 154. Disponível em: <<http://hdl.handle.net/10362/127360>>. Acesso em: 15 abr. 2023.

Figura 26 – Santa Quitéria martirizada segurando a cabeça. Capela 8 do Santuário de Santa Quitéria, Felgueiras. **Fonte:** Cultura – Revista de História e Teoria das Ideias, Lisboa, v. 27, 2010, p. 157. Disponível em: <<http://hdl.handle.net/10362/127360>>. Acesso em: 15 abr. 2023.

Figura 27 – Santa Quitéria. Santuário de Santa Quitéria, Felgueiras. **Fonte:** Cultura – Revista de História e Teoria das Ideias, Lisboa, v. 27, 2010, p. 157. Disponível em: <<http://hdl.handle.net/10362/127360>>. Acesso em: 15 abr. 2023.

Figura 28 – Imagem de Santa Quitéria de Frexeiras. **Fonte:** Blog do Roberto Almeida. Disponível em: <<https://robertoalmeidaesc.blogspot.com/2023/08/santa-quiteria-das-frexeiras-vai.html>>. Acesso em: 20 set. 2023.

Figura 29 – Carros de bois dos moradores da área rural próxima a Frexeiras em visita ao santuário de Santa Quitéria. **Fonte:** foto editada pelo autor a partir do blog do Carlos Eugênio. Disponível em: <<https://blogdocarloseugenio.com.br/imagem-de-santa-quiteria-das-frexeiras/>>. Acesso em: 15 jul. 2023.

Figura 30 – Tábua votiva oferecida a Santa Quitéria em agradecimento pelo bom resultado da lavoura. **Fonte:** site retablos.ru. Disponível em: <<http://retablos.ru/en/saints/santa-quiteria-de-frexeiras/page/2/>>. Acesso em: 15 abr. 2023.

Figura 31 – Tábua votiva oferecida a Santa Quitéria em agradecimento pelo bom resultado da lavoura. **Fonte:** acervo pessoal do autor.

Figura 32 – Apresentação de um grupo de reisado no salão dos milagres da capelinha de Frexeiras. **Fonte:** foto editada pelo autor a partir do vídeo publicado no Youtube por Guilherme Nanes. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?app=desktop&v=izf0_1vPZz0>. Acesso em: 15 abr. 2023.

Figura 33 – Romeiro fazendo a travessia por baixo do altar da Santa Quitéria de Frexeiras. **Fonte:** foto editada pelo autor a partir do vídeo publicado com acesso público na plataforma Globoplay; reportagem exibida pelo AB TV 2ª edição, em 19 set. 2016. Disponível em: <<https://globoplay.globo.com/v/5317520/>>. Acesso em: 15 abr. 2023.

Figura 34 – Ilustração de uma cavalcada realizada na R. Cônego Costa, Bebedouro, Maceió-AL. **Fonte:** Fonte: site História de Alagoas, foto: Marcel Gautherot, 1955. Disponível em: <<https://www.historiadealagoas.com.br/as-cavalcadas-de-alagoas.html>>. Acesso em: 12 set. 2023.

Figura 35 – Matéria sobre a exploração da fé dos romeiros. Jornal Pequeno, 20 de agosto de 1952, edição 154, p. 1. **Fonte:** Hemeroteca Digital. Disponível em: <<https://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=800643&pesq=Santa%20Quit%C3%A9ria&pasta=ano%20195&hf=memoria.bn.br&pagfis=86218>>. Acesso em: 15 mai. 2023.

Figura 36 – Dom João Tavares de Moura, primeiro bispo da diocese de Garanhuns. **Fonte:** Revista da Cidade, Recife, nº 86, 14 jan. 1928, p. 25. Disponível em: <http://www.dominiopublico.gov.br/pesquisa/DetalheObraForm.do?select_action=&co_obra=41881>. Acesso em: 12 set. 2023.

Figura 37 – Palácio episcopal da diocese de Garanhuns. **Fonte:** Revista da Cidade, Recife, nº 86, 14 jan. 1928, p. 25. Disponível em: <http://www.dominiopublico.gov.br/pesquisa/DetalheObraForm.do?select_action=&co_obra=41881>. Acesso em: 12 set. 2023.

Figura 38 – Portaria proibitiva de celebrações de missas na capelinha de Frexeiras. **Fonte:** Jornal O Monitor, 18 de setembro de 1931, edição 17, p. 3.

Figura 39 – Tábua votiva em agradecimento pela libertação dos vícios dos jogos e das bebidas. **Fonte:** Site Paulo Vasconcelos Leilões. Disponível em: <<https://www.paulovasconcellosleiloes.com.br/peca.asp?ID=4456223>>. Acesso em: 12 ago. 2023.

Figura 40 – Tábua votiva em agradecimento pela água do poço. **Fonte:** Site Paulo Vasconcelos Leilões. Disponível em: <<https://www.paulovasconcellosleiloes.com.br/peca.asp?ID=4456236>>. Acesso em: 12 ago. 2023.

Figura 41 – Tábua votiva em agradecimento por cura após cirurgia. **Fonte:** Site Paulo Vasconcelos Leilões. Disponível em: <<https://www.paulovasconcellosleiloes.com.br/peca.asp?ID=4456241>>. Acesso em: 12 ago. 2023.

Figura 42 – Autorretrato (arte de Vitalino Pereira do Santos, o Mestre Vitalino de Caruaru), pertencente ao acervo do Museu do Homem do Nordeste. **Fonte:** FUNDAJ. Disponível em: <<https://www.gov.br/fundaj/pt-br/composicao/dimeca-1/museu-do-homem-do-nordeste-1/lista-dos-objetos/19-autorretrato>>. Acesso em: 12 jul. 2021.

Figura 43 – tábua votiva oferecida em agradecimento pela cura de males do sono e pesadelos. **Fonte:** Acervo pessoal do autor.

Figura 44 – tábua votiva oferecida em agradecimento pela cura da depressão. **Fonte:** FUNDAJ. Disponível em: <<https://villadigital.fundaj.gov.br/index.php/base-da-villa-digital/museu/item/34315-2019-09-96-objeto-de-culto-ex-voto-quadro>>. Acesso em: 12 jul. 2021.

Figura 45 – Ex-votos com temática sobre diversos males da saúde. **Fonte:** Compilação a partir do acervo de Anna Terra. Disponível em: <<http://ideiasdefimdesemana.com/santa-quiteria-das-frexeiras/>>. Acesso em: 16 jul. 2023.

7.2 DOCUMENTOS

7.2.1 PERIÓDICOS

7.2.1.1 HEMEROTECA DIGITAL

A Província. Recife, 25 jul. 1900, p. 1. Disponível em: <https://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=128066_01&Pesq=%22Jesus%20Redemptor%22&pagfis=9109>. Acesso em: 20 out. 2023.

A Província. Recife, 19 set. 1900, p. 1. Disponível em: <https://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=128066_01&pesq=%22Jesus%20Redemptor%22&pasta=ano%20190&hf=memoria.bn.br&pagfis=9317>. Acesso em: 20 out. 2023.

A Província. Recife, 24 out. 1900, p. 1. Disponível em: <https://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=128066_01&Pesq=%22Jesus%20Redemptor%22&pagfis=9457>. Acesso em: 20 out. 2023.

A Província. Recife, 03 dez. 1904, p. 4. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=128066_01&pesq=%22hotel%20motta%22&pasta=ano%20190&hf=memoria.bn.br&pagfis=16282> Acesso em: 18 mai. 2023.

A Província. Recife, 08 dez. 1904, p. 1. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=128066_01&pesq=%22hotel%20motta%22&pasta=ano%20190&hf=memoria.bn.br&pagfis=16291> Acesso em: 18 mai. 2023.

A Província. Recife, 25 dez. 1904, p. 5. Disponível em: <https://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=128066_01&Pesq=%22hotel%20motta%22&pagfis=16371> Acesso em: 15 mai. 2022.

A Província, Recife, 27 dez. 1904, p. 1. Disponível em: <https://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=128066_01&Pesq=%22hotel%20motta%22&pagfis=16375> Acesso em: 15 mai. 2022.

A Província, Recife, 05 set. 1905, p. 1. Disponível em: <https://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=128066_01&hf=memoria.bn.br&pagfis=16947> Acesso em: 15 mai. 2022.

A Província, Recife, 30 ago. 1906, p. 1. Disponível em: <https://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=128066_01&pasta=ano%20190&pesq=&pagfis=18523> Acesso em: 15 mai. 2022.

Diário da Manhã. Recife, 29 de janeiro de 1930, p.1. Disponível em: <https://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=093262_02&pasta=ano%20193&pesq=%22hotel%20motta%22&pagfis=323>. Acesso em: 18 mai 2023.

Diário de Pernambuco. Recife, 11 fev. 1880, p. 2. Disponível em: <https://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=029033_06&pasta=ano%20188&pesq=hasteada&pagfis=258>. Acesso em: 15 mai. 2023.

Diário de Pernambuco. Recife, 06 set. 1884, p. 2. Disponível em: <https://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=029033_06&hf=memoria.bn.br&pagfis=11254>. Acesso em: 15 mai. 2022.

Diário de Pernambuco. Recife, 02 out. 1884, p. 2. Disponível em: <https://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=029033_06&pasta=ano%20188&hf=memoria.bn.br&pagfis=11430> Acesso em: 15 mai. 2022.

Diário de Pernambuco. Recife, 17 jan. 1885, p. 2. Disponível em: <https://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=029033_06&pasta=ano%20188&pesq=hasteada&pagfis=12126> Acesso em: 15 mai. 2023.

Diário de Pernambuco. Recife, 17 set. 1885, p. 2. Disponível em: <https://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=029033_06&pasta=ano%20188&hf=memoria.bn.br&pagfis=13710>. Acesso em: 15 mai. 2022.

Diário de Pernambuco. Recife, 17 set. 1887, p. 2. Disponível em: <https://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=029033_06&pasta=ano%20188&hf=memoria.bn.br&pagfis=18502>. Acesso em: 15 mai. 2023.

Diário de Pernambuco. Recife, 26 jan. 1888, p. 3. Disponível em: <https://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=029033_06&pasta=ano%20188&hf=memoria.bn.br&pagfis=19383> Acesso em: 15 mai. 2023.

Diário de Pernambuco. Recife, 05 set. 1890, p. 3. Disponível em: <https://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=029033_07&Pesq=%22festa%20de%22&pagfis=1611>. Acesso em: 15 mai. 2022.

Diário de Pernambuco. Recife, 26 out. 1919, p. 2. Disponível em: <https://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=029033_09&Pesq=%22diocese%20de%20garanhuns%22&pagfis=21121>. Acesso em: 15 abr. 2023.

Diário de Pernambuco. Recife, 27 out. 1919, p. 3. Disponível em: <https://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=029033_09&Pesq=%22diocese%20de%20garanhuns%22&pagfis=21134>. Acesso em: 15 abr. 2023.

Diário de Pernambuco. Recife, 29 out. 1919, p. 1. Disponível em: <https://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=029033_09&Pesq=%22diocese%20de%20garanhuns%22&pagfis=21148>. Acesso em: 15 abr. 2023.

Diário de Pernambuco. Recife, 22 set. 1931, p. 5. Disponível em: <https://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=029033_11&pasta=ano%20193&pesq=freixeras&pagfis=4526>. Acesso em: 23 abr. 2022.

Diário de Pernambuco. Recife, 12 fev. 1932, p. 5. Disponível em: <https://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=029033_11&pesq=%22tavares%20correia%22&hf=memoria.bn.br&pagfis=5590>. Acesso em: 06 set. 2023.

Diário de Pernambuco. Recife, 24 dez. 1933, p. 33. Disponível em: <https://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=029033_11&pesq=%22tavares%20correia%22&hf=memoria.bn.br&pagfis=10664>. Acesso em: 06 set. 2023.

Diário de Pernambuco. Recife, 21 jul. 1937, p. 5. Disponível em: <https://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=029033_11&pesq=%22tavares%20correia%22&hf=memoria.bn.br&pagfis=25319>. Acesso em: 06 set. 2023.

Diário de Pernambuco. Recife, 02 set. 1976, p. A-20. Disponível em: <https://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=029033_15&pesq=frexeiras&pasta=ano%20197&hf=memoria.bn.br&pagfis=89194>. Acesso em: 16 mai. 2022.

Diário de Pernambuco. Recife, 18 set. 1977, p. B-01. Disponível em: <https://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=029033_15&Pesq=frexeiras&pagfis=106142>. Acesso em: 15 mai. 2022.

Diário de Pernambuco. Recife, 18 set. 1977, p. 5. Disponível em: <https://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=029033_11&pesq=%22tavares%20correia%22&hf=memoria.bn.br&pagfis=25319>. Acesso em: 06 set. 2023.

Diário de Pernambuco. Recife, 07 jul. 1978, p. B-01. Disponível em: <https://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=029033_15&Pesq=frexeiras&pagfis=120068>. Acesso em: 03 mai. 2022.

Jornal do Recife. Recife, 02 out. 1887, p. 1. Disponível em: <<https://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=705110&pasta=ano%20188&pesq=%22Quipap%C3%A1%22&pagfis=25640>> Acesso em: 15 mai. 2023.

Jornal do Recife. Recife, 28 set. 1900, p. 1. Disponível em: <<https://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=705110&pasta=ano%20190&hf=memoria.bn.br&pagfis=42522>> Acesso em: 15 mai. 2023.

Jornal do Recife. Recife, 05 dez. 1905, p. 1. Disponível em: <<https://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=705110&pasta=ano%20190&hf=memoria.bn.br&pagfis=48758>> Acesso em: 15 mai. 2023.

Jornal do Recife. Recife, 05 set. 1908, p. 2. Disponível em: <<https://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=705110&pasta=ano%20190&pesq=&pagfis=52150>> Acesso em: 15 mai. 2023.

Jornal Pequeno. Recife, 04 mar. 1909, p. 2. Disponível em: <<https://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=800643&pasta=ano%20190&hf=memoria.bn.br&pagfis=10281>>. Acesso em: 15 mai. 2023.

Jornal Pequeno. Recife, 20 ago. 1952, p. 3 e 5. Disponível em: <<https://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=800643&pesq=Santa%20Quit%C3%A9ria&pasta=ano%20195&hf=memoria.bn.br&pagfis=86218>>. Acesso em: 15 mai. 2023.

Jornal do Recife. Recife, 10 set. 1921, p. 4. Disponível em: <<https://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=705110&pasta=ano%20190&hf=memoria.bn.br&pagfis=83624>> Acesso em: 15 mai. 2023.

Jornal do Recife. Recife, 14 ago. 1924, p. 4. Disponível em: <<https://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=705110&pesq=%22tavares%20correia%22&pasta=ano%20190&hf=memoria.bn.br&pagfis=91559>>. Acesso em: 06 set. 2023.

Jornal do Recife. Recife, 16 ago. 1924, p. 3. Disponível em:<<https://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=705110&pesq=%22tavares%20correia%22&pasta=ano%20190&hf=memoria.bn.br&pagfis=91576>>. Acesso em: 06 set. 2023.

Jornal do Recife. Recife, 01 jul. 1928, p. 5. Disponível em:<<https://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=705110&pesq=%22tavares%20correia%22&pasta=ano%20190&hf=memoria.bn.br&pagfis=104534>>. Acesso em: 06 set. 2023.

Jornal do Recife. Recife, 21 dez. 1928, p. 2. Disponível em:<<https://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=705110&pesq=%22tavares%20correia%22&pasta=ano%20190&hf=memoria.bn.br&pagfis=106193>>. Acesso em: 06 set. 2023.

Jornal do Recife. Recife, 25 ago. 1929, p. 7. Disponível em:<<https://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=705110&pesq=%22tavares%20correia%22&pasta=ano%20190&hf=memoria.bn.br&pagfis=108298>>. Acesso em: 06 set. 2023.

Jornal do Recife. Recife, 24 set. 1929, p. 2. Disponível em:<<https://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=705110&pasta=ano%20192&pesq=frexeira&pagfis=108535>>. Acesso em: 22 out. 2022.

Jornal do Recife. Recife, 03 out. 1929, p. 2. Disponível em:<<https://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=705110&pesq=%22tavares%20correia%22&pasta=ano%20190&hf=memoria.bn.br&pagfis=108611>>. Acesso em: 06 set. 2023.

7.2.1.2 CÚRIA DIOCESANA DE GARANHUNS

O Monitor. Garanhuns, 18 set. 1931, ano I, edição nº 17, p. 3.

7.2.2 LEIS

BRASIL. **Lei de 09 de setembro de 1826.** Marca os dias de festividades nacional em todo o Império. Rio de Janeiro: publicada na Chancellaria-mór do Império do Brasil, 1826. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/lim/LIM.-9-9-1826.htm>. Acesso em 15 de mai. 2023.

PERNAMBUCO (Estado). **Lei nº 3.280/1958, de 25 de novembro de 1958.** Cria o Município de São João, desmembrando do de Garanhuns. Diário Oficial do Estado – Poder Executivo: pág. 1, col. 1, 26 nov. 1958, PL 111/1958.

8. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABREU, Martha. **O Império do divino**. Festas religiosas e cultura popular no Rio de Janeiro, 1830-1900. Rio de Janeiro: Nova Fronteira; São Paulo: Fapesp, 1999.

ALMEIDA, Onildo. Onde o Nordeste garoa. GONZAGA, Luiz. **Dengo**, 1978, RCA. Disponível em: <<https://luizluagonzaga.com.br/onde-o-nordeste-garoa/>>. Acesso em: 25 mai. 2023.

AMARAL, Walter Valdevino do; MARQUES, Luiz Carlos Luz. **Modernas... mas conservadoras: associações católicas e o papel do laicato na Igreja Católica no Recife durante a Primeira República**. Universidade Católica de Pernambuco - Revista de Teologia e Ciências da Religião, Recife-PE, v. 3, n. 1, p. 298 – 299, 2013.

ANTONIAZZI, Pe. Alberto. Mudanças na religião. **Vida Pastoral**, São Paulo, Paulus, 1986, ed. 129, p. 8-15.

AZZI, Riolando. A instituição eclesiástica durante a primeira época colonial. In: HOORNAERT, Eduardo et al. **História da Igreja no Brasil: ensaio de interpretação a partir do povo – primeira época**. Tomo II. Petrópolis: Editora Vozes Ltda, 1977.

BARROS, José D'Assunção. **Fontes históricas: introdução aos seus usos historiográficos**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2019.

BELO, José Eudes Alves. **Nas colinas onde o Nordeste garoa: narrativas, memórias e práticas de espaço na cidade de Garanhuns – PE (1937-1951)**. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal Fluminense, Instituto de Ciências Humanas e Filosofia, Programa de Pós-Graduação em História Social. Niteroi, RJ, p. 176, 2019.

BELTING, Hans. **Semelhança e presença: a história da imagem antes da era da arte**. Trad. De Maria Beatriz Mello e Souza. Rio de Janeiro: Ars Urbe, 2010.

BENJAMIN, Walter. **Obras escolhidas: magia e técnica, arte e política**. 3. ed. São Paulo: Brasiliense, 1987. v. 1.

BEOZZO, José Oscar. Irmandades, santuários, capelinhas de beira de estrada. **REB - Revista Eclesiástica Brasileira**, Petrópolis, Vozes, 1977, vol. 37, fasc. 148, p. 741-758.

BESEN, José Artulino. O Concílio de Trento e a reforma católica. **Encontros Teológicos**. Florianópolis, v.31, n. 2, mai.-ago., 2016, p. 279-294.

BLOCH, Marc Leopold Benjamin. **Apologia da história, ou, O ofício do historiador**. Tradução de André Telles. Rio de Janeiro: Jorge Azhar Editor, 2001.

BLUTEAU, D. Raphael. **Vocabulario portuguez e latino**. Coimbra: Collegio das Artes da Companhia de JESU, 1712.

BOADA, Luis. **O espaço recriado**. São Paulo: Nobel, 1991.

BRASIL. Ministério da Cultura. Instituto Brasileiro de Museus. **Rede Nacional de Identificação de Museus**. Brasília. Disponível em: <<https://cadastro.museus.gov.br/painel-analitico/>>. Acesso em: 15 ago. 2023.

BRÜGGER, Aline Pandeló. **Festa do Rosário em Milho Verde – MG**. In: II Colóquio do Nugea. Juiz de Fora: 2016, p. 1 – 8. Disponível em: <<chrome-extension://efaidnbmnnnibpcajpcgclefindmkaj/https://www2.ufjf.br/nugea/wp-content/uploads/sites/338/2016/06/Texto-Nugea-Aline-Pandel%C3%B32.pdf>>. Acesso em: 25 jun. 2023.

BURKE, Peter. **A Escrita da história: novas perspectivas**. São Paulo: Editora da Universidade Estadual Paulista, 1992.

CAPES. **Portaria nº 60, de 20 de março de 2019**. Dispõe sobre o mestrado e doutorado profissionais, no âmbito da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – CAPES. Diário Oficial da União: seção 1, Brasília, DF, nº 56, pág. 26, 22 mar. 2019. Disponível em: <https://www.in.gov.br/web/guest/materia/-/asset_publisher/Kujrw0TZC2Mb/content/id/68157853/do1-2019-03-22-portaria-n-60-de-20-de-marco-de-2019-68157790>. Acesso em: 01 mar. 2024.

CAVALCANTI, Alfredo Leite. **História de Garanhuns**, 2ª ed. Recife: FIAM / Centro de Estudos de História Municipal, 1997.

CARDOSO, Jorge. **Agiológico lusitano**. Edição fac-similada do original de 1666, vol. III. Porto: Faculdade de Letras da Universidade do Porto, 2002.

CASIMIRO, Luís Alberto. Quitéria, uma santa da Lusitânia nas terras de Entre-Douro-e-Minho. **Cultura – Revista de História e Teoria das Ideias**, Lisboa, Edições Húmus, 2010, v. 27, p. 143 – 162. Disponível em: <<http://hdl.handle.net/10362/127360>>. Acesso em: 15 abr. 2023.

CERTEAU, Michel de. **A escrita da história**. Tradução de Maria de Lourdes Menezes. Rio de Janeiro: Forense Universitária: 1982.

CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano: 1. Artes de fazer**. 3ª ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 1998.

CERTEAU, Michel de. **O lugar do outro: história religiosa e mística**. Tradução de Guilherme João de Freitas Teixeira. Petrópolis: Vozes, 2021.

CONCÍLIO ecumênico de Trento. **Montfort Associação Cultural**. Disponível em: <<http://www.montfort.org.br/bra/documentos/concilios/trento/>>. Acesso em: 15 abr. 2023.

CONGONHAS, Festa dedicada a Santa Quitéria é realizada em. **Arquidiocese de Mariana – Minas Gerais**, 2022. Disponível em: <<https://arqmariana.com.br/noticia/festa-dedicada-a-santa-quitiera-e-realizada-em-congonhas/>>. Acesso em: 20 mai. 2023.

COUTO, Edilece Souza. **Tempo de festas: homenagens a Santa Bárbara, N. S. da Conceição e Sant’Ana em Salvador (1860 – 1940)**. Tese (Doutorado em História) – Universidade Estadual Paulista. Assis, SP: UNESP, 2004.

DEL PRIORE, Mary Lucy M. **Festas e utopias no Brasil colonial**. São Paulo: Brasiliense, 1994.

DIAS, Juliana Karlla Paes. **Frexeiras: um retrato da fé**. Vídeo-documentário sobre o santuário de Santa Quitéria em Frexeiras. Monografia de graduação em Jornalismo. 30 pag. Caruaru: Faculdade do Vale do Ipojuca. 2011, p 11-12. Disponível em: <<https://silo.tips/download/frexeiras-um-retrato-de-fe-video-documentario-sobre-o-santuario-de-santa-quiteri>>. Acesso em 22 fev. 2022.

DIAS, Jussara Duarte Soares. **O patrimônio na corda bamba de sombrinha: o caso da capela e da festa de Santa Quitéria no distrito de Rodrigo Silva (Ouro Preto – MG)**. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal de Viçosa, Departamento de História, Programa de Pós-Graduação em Patrimônio Cultural, Paisagens e Cidadania. Viçosa, MG, p. 289, 2018.

DURKHEIM, Émile. **As formas elementares de vida religiosa (o sistema totêmico na Austrália)**. São Paulo: Paulus, 1990.

ESMERALDAS, Santa Quitéria – Padroeira. **Prefeitura de Esmeraldas – MG, 2023**. Disponível em: <<https://www.esmeraldas.mg.gov.br/historia-de-santa-quiteria-padroeira-de-esmeraldas>>. Acesso em: 20 mai. 2023.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Novo dicionário Aurélio da língua portuguesa**. 3ª ed. Curitiba: Positivo, 2004.

FUNDAJ. **Autorretrato**. Mestre Vitalino (Vitalino Pereira do Santos), cerâmica Alto do Moura, Pernambuco. Disponível em: <<https://www.gov.br/fundaj/pt-br/composicao/dimeca-1/museu-do-homem-do-nordeste-1/lista-dos-objetos/19-autorretrato>>. Acesso em: 12 ago. 2023.

GEERTZ, Clifford. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: LTC, 2008.

GIDDENS, Anthony. **As consequências da modernidade**. Tradução de Raul Fiker. São Paulo: Editora UNESP, 1991.

GARANHUNS, Sobre. **Prefeitura de Garanhuns, 2023**. Disponível em: <https://garanhuns.pe.gov.br/sobre-garanhuns/>>. Acesso em: 16 mai. 2023.

GOMES GORDO, Luís Erlin. **Comunicação (i)material com as divindades: tipos e formas de ex-votos na religiosidade popular**. São Paulo: Ave-Maria, 2019.

GOMES GORDO, Luís Erlin. **Ex-votos: a saga da comunicação perseguida**. São Paulo: Ave Maria, 2015.

HOBSBAWM, Eric; RANGER, Terence (Orgs.). **A invenção das tradições**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1984.

HOORNAERT, Eduardo et al. **História da Igreja no Brasil: ensaio de interpretação a partir do povo – primeira época**. Tomo II. Petrópolis: Editora Vozes Ltda, 1977.

IBGE. População no último senso, 2022. **Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística**. Disponível em: <<https://cidades.ibge.gov.br/brasil/pe/sao-joao/panorama>>. Acesso em: 20 jun. 2023.

KNAUSS, Paulo. **O desafio de fazer história com imagens: arte e cultura visual**. ArtCultura, Uberlândia, v. 8, nº 12, p. 97-115, jan.-jun. 2006. Disponível em: <<https://seer.ufu.br/index.php/artcultura/article/view/1406/1274>>. Acesso em 15 ago. 2022.

KRAAY, Hendrik. **Alferes Gamboa e a sociedade comemorativa da Independência do Império, 1869-1889**. Revista Brasileira de História. São Paulo, v. 31, nº 61, p. 15-40, 2011. Disponível em: <www.scielo.br/j/rbh/a/frzJmyPKqzKST8mrNxV4Fwh/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 27 abr. 2023

KRAAY, Hendrik. **Sete de Setembro: 200 anos de comemorações da independência. Festas cívicas celebrando a Independência do Brasil tiveram diferentes significados ao longo do tempo**. Ciência e Cultura [online], Campinas, vol. 74, n. 1, p. 1-9, 2022. Disponível em: <http://cienciaecultura.bvs.br/scielo.php?pid=S0009-67252022000100009&script=sci_abstract>. Acesso em: 27 abr. 2023.

LEGAIS, Leis, atos e normativos. **Prefeitura de Santa Quitéria-CE**, 2015. Disponível em: <<https://www.santaquiteria.ce.gov.br/leis.php?id=140>>. Acesso em: 20 mai 2023.

LE GOFF, Jacques. **História e memória**. Tradução Bernardo Leitão... [et al.]. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 1990.

LUPI, João Eduardo Pinto Basto. **Iconoclastas, antirréticos, e o poder da imagem**. *Ágora Filosófica*, Recife, ano 1, nº 2, jul.-dez., p. 149-168, 2001.

MAIA, Doralice Sátyro; SÁ, Nirvana Lígia Albino Rafael. **A festa na cidade no século XIX e início do século XX: lembranças e memórias da cidade da Parahyba – Brasil**. *Ateliê geográfico - revista eletrônica*, Goiânia-GO, v. 2, n. 2, p. 18-39, 2008.

MALERBA, Jurandir. **Almanaque do Brasil nos tempos da Independência**. São Paulo: Ática, 2022.

MARIANO, Fabiene Passamani; SILVA, Sonia Souza da. **A simbologia do divino espírito santo: dos Açores para Viana**. In: V Congresso Internacional sobre as Festas do Divino Espírito Santo. Terceira/Açores: 2012, p. 1 – 10. Disponível em: <<chrome-extension://efaidnbmnnnibpcajpcglclefindmkaj/http://roteirodesazores.com/wp-content/uploads/2014/09/Fabiene-Passamani-Mariano-e-Sonia-Souza-da-Silva.pdf>>. Acesso em: 25 jun. 2023.

MARIN, Jéri Roberto. História e historiografia da romanização: reflexões provisórias. **Revista de Ciências Humanas**, Florianópolis: EDUFSC, n. 30, p. 149-169, out. 2001.

MARIN, Jéri Roberto (org). **Questões de religiões: teorias e metodologias**. Grande Dourados: Editora UFGD, 2013.

MARIZ, Cecília Loreto; THEIJE, Marjo de. A santa do povo: o catolicismo dos leigos no santuário de Santa Quitéria. **Comunicações do ISER**. Rio de Janeiro, v. 10, p. 42-57, 1991.

MAUÉS, Raimundo Heraldo. Catolicismo popular e controle eclesiástico. **Comunicações do ISER**, Rio de Janeiro, ano 6, nº 26, p. 38 – 49, 1987. Disponível em: <https://www.iser.org.br/wp-content/uploads/2020/07/comunicacoes-26_compressed.pdf>. Acesso em: 20 mai. 2023.

NEGRET, Fernando. **A identidade e a importância dos mestrados profissionais no Brasil e algumas considerações para a sua avaliação**. Meta: Avaliação – Rio de Janeiro, v. 1, n.2, p. 141 – 149, mai./ago. 2009.

NEVES, Maria Agripina. Aspectos folclóricos nas festas religiosas em Mariana – MG. **Revista da Comissão Mineira de Folclore**, Belo Horizonte, ano 38, n. 26, p. 145 - 174 – fev. 2014.

NORA, Pierre. **Entre memória e história: a problemática dos lugares**. Tradução de Yara Aun Houry. Projeto História. São Paulo, p. 7 - 28, 10 dez. 1993.

OLIVEIRA, José Cláudio Alves de (org). **Ex-votos das Américas: comunicação e memória social**. Curitiba: CRV, 2017.

OLIVEIRA, Marlon Anderson de. **“Esculpindo na alma do povo a imagem viva de Cristo”: a ação do Pe. Francisco Geraedts, S.C.J.** Dissertação (Mestrado) – Universidade Católica de Pernambuco, Programa de Mestrado em Ciências da Religião. Recife, 165 f., 2009.

OLIVEIRA, Pedro Ribeiro de. Adeus à sociologia da religião popular. **Religião & Sociedade**. Rio de Janeiro, ISER, 1977, v. 1, p. 43 – 62.

PINTO, Luiz Maria da Silva. **Diccionario da lingua brasileira**. Ouro Preto: Na Typographia de Silva, 1832.

Portal UNICAP. **História PPGH / O programa / Apresentação**. 2024. Disponível em: <https://portal.unicap.br/historia-ppgh-#presencial/o_programa/o_programa/apresenta%C3%A7%C3%A3o>. Acesso em 01/03/2024.

RÊGO, Alberto da Silva. **Os aldeões de Garanhuns, sua gente, seus jovens, suas associações, o mundo literário, os “players”, os poetas, e árvores genealógicas**. Recife: FIAM/Centro de Estudos de História Municipal, 1987.

SANTHIAGO, Ricardo. História pública e autorreflexividade: da prescrição ao processo. **Tempo e Argumento**, Florianópolis, v. 10, n. 23, p. 286 - 309, jan./mar. 2018.

SANTOS, Lídia Rafaela Nascimento dos. **Das festas aos botequins: organização e controle dos divertimentos no Recife (1822-1850)**. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal de Pernambuco, CFCH. Recife, 144 f., 2011.

SANTOS, Lídia Rafaela Nascimento dos. **Luminárias, músicas e ‘sentimentos patrióticos’: Festas e política no Recife (1817-1848)**. Tese (doutorado) – Universidade Federal de Fluminense, Niterói, 277 f., 2018.

SCARANO, Julita. **Fé e milagre: ex-votos pintados em madeira: séculos XVIII e XIX.** São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2004.

SILVA, Antônio de Moraes. **Dicionário da língua portuguesa.** 7ª ed. melhorada e muito acrescentada com grande número de termos novos usados no Brasil e no português da Índia. Lisboa: Typografia de Joaquim Germano de Sousa Neves, 1878.

TÁVORA, Franklin. **O matuto: chronica pernambucana.** Rio de Janeiro: Typographia Perseverança, 1878.

TEIXEIRA, Manoel Neto. **O Diocesano de Garanhuns: cem anos de ciência e fé.** 3ª ed. Recife: Polys Editora, 2015.

TÚNEL do tempo: hotel e hospedaria Motta. **Hecatombe de Garanhuns – Comissão Memorial do Centenário,** 2016. Disponível em: <<http://hecatombedegaranhunscmc.blogspot.com/2016/06/tunel-do-tempo-do-tempo-e-hospedaria.html>>. Acesso em: 25 abr 2023.

VALENTINI, Dom Luiz Demétrio. Sínodos e concílio. **CNBB,** 2008. Disponível em: <<https://www.cnbb.org.br/sinodos-e-concilio/>>. Acesso em: 01 out. 2023.

VITALINO, Urbano de Melo Filho; REINAUX, Marcílio Lins. **Colégio XV - 100 anos: servindo a Deus, à pátria e a Garanhuns.** Recife/Garanhuns: Editora dos autores, 1999.

ZICMAN, Renée Barata. **História através da imprensa – algumas considerações metodológicas.** Projeto História: Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados de História, São Paulo, n. 4, p. 89 - 102, 1985.